

Ano XII

Nº 74

SOMNIUM



Publicação Oficial do
Clube de Leitores
de Ficção Científica



Ficção, Artigos e Notícias

Contos de Carlos O. Martinho, Ivan C. Regina e Fernando A. Moretti
Ensaios de Roberto S. Causo e Gerson Lodi-Ribeiro
E mais... livros e Internet

índice

Editorial

Mudanças, clones e mutações

FC no Papel

FC na Internet

Artigo

A narrativa metaficcional
de Souza Ramos
por Roberto S. Causo

Ciência

Criacionismo
por Gerson Lodi-Ribeiro

Ficção

A um povo de mortalha
por Carlos Orsi Martinho

Makna do tempo
por Fernando A. Moretti

Timequake (excêrto)
por Kurt Vonnegut

Sete vezes bêsta, sete vezes homem
por Ivan Carlos Regina

Ilustrações

Artur Franz Keppler
Jerôme Moranis
Alexandre Grecco
Edgar Franco

SOMNIUM

número 74
Dezembro de 1999

Editorias:

Social e Notícias

Ataide Tartari

<atartari@uol.com.br>

Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro

<glodir@unisys.com.br>

Artigos e Contos

César R. T. Silva

<cerito@mandic.com.br>

Geral

Alfredo Franz Keppler Neto.

<akepple@attglobal.net>

Produção Gráfica e

Gerência Comercial

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Artur Franz Keppler

Tiragem: 100 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que podem ser enviadas em disquete IBM PC ou por e-mail no programa Word 6.0 ou menor, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 2000/2001 está composta pelos sócios Gerson Lodi-Ribeiro (Presidente), Humberto Fimiani (Secretário Executivo) e matias Perazoli Jr. (Tesoureiro).

Correspondência:

CLFC - Clube de Leitores de Ficção

Científica: Caixa Postal 2105

São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

<http://members.tripod.com/~CLFC>

e-mail clfc@uol.com.br

03

04

05

06

09

13

25

27

29

capa

04

26

28

*"Um Clube é um grupo de boas-praças,
que se reúnem sob determinadas condições"*

Ben Johnson, escritor inglês do Séc. 18

Milênios após o Buda ter apresentado a novidade ao público, quase todos nós já sabemos que a essência do Mundo são as mudanças. Mesmo assim, ainda hoje esperamos as mudanças na direção dos ventos com certa ansiedade e expectativa, normalmente com temor pelos pessimistas e esperança pelos otimistas.

Ou com tranquilidade pelos realistas, que vão tocando o barco adiante com quaisquer ventos que soprem, aproveitando ao máximo quando eles sopram a favor e sem reclamar quando eles batem contra. E se der calma, irão remar na direção do bar mais próximo para tomar umas cervejas até o vento voltar.

Estas reflexões eólicas me vieram a propósito do momento de transição que estamos vivendo no CLFC. Pode até não haver motivo real para o clima de mal-de-fim-de-século, ou para o cansaço e a desilusão com ideais mágicos e ideologias nem tanto, porém o fato é que chegamos ao ponto de alguns sentirem saudades dos ventos de tempestade do passado, na visão curiosa de que é preferível a disputa do que a indiferença.

Se é que nos serve de consolo, é interessante notar que o marasmo não é um fenômeno local, nem restrito ao CLFC. Falando da Matriz, Bruce Sterling opinou numa entrevista publicada recentemente no *Papêra Uirandê Especial 6*, que a FC (a dêles) padece hoje do esgotamento da fórmula original : a linguagem da sua Ficção já não é mais tão "contemporânea" como antes, nem tampouco a sua Ciência nos seduz mais com a promessa de trazer um mundo melhor. Aliás, como diria o Barão de Itararé, muito pelo contrário, pois os temas científicos atuais como a biotecnologia, clones e rêdes neurais, estão despertando mais receios do que otimismo. Certa ou errada, esta análise não deixa de ser um tanto injusta, ao negar a evolução estilística da FC pós-Décadas de Ouro e, certamente, dá um tiro fora mesmo, ao supor que é o desencanto com a Ciência que está desviando a atual geração de leitores para outras paragens para-científicas.

A visão de Kurt Vonnegut parece refletir melhor o *Zeitgeist*. No excêrto de *Timequake*, traduzido especialmente para esta edição do *Somnium*, êle nos dá a sua versão da causa do declínio das letras lá na Matriz, que cai também como uma camisinha para nós aqui na Filial Brasil, globalizados como estamos.

Mais importante porém do que procurar respostas simples para problemas complexos, é lembrar que as calmarias sempre apontam para o retorno dos ventos. E que cabe a nós enfrentá-las com realismo, vendo nelas a oportunidade para para reciclar o que está gasto, para arrumar as velas e lançar a nau de Argos por novos rumos.

Ou então para ir tomar umas cervejas no bar com os amigos, pelo menos até o vento voltar.

O Editor

**AS DEZ TORRES DE SANGUE
INVASORES DA 7ª DIMENSÃO**
(Coleção Fantástica, R\$ 4,00)

Já estão à venda os números 3 e 4 acima da *Coleção Fantástica*, uma iniciativa ousada, para não dizer idealista e visionária, de um grupo de escritores e editores brasileiros, que se propuseram a colocar FC de qualidade ao alcance dos bolsos rasos dos seus patrícios. O número 3 é uma novela clássica de Carlos Orsi Martinho e o número 4, uma aventura hard-sf de Jorge Luiz Calife. Para assinar a coleção de seis números, o preço é R\$ 20,00. Pedidos: A/C Marcello Simão Branco, Av. Clara Mantelli, 110, CEP 04771-180, São Paulo, SP [msbranco@uol.com.br].

OUTROS BRASIS
(Papel & Virtual)

Um dos, se não o tema favorito de Gerson Lodi-Ribeiro, vem à luz numa edição caprichada, tanto gráfica como visualmente e com a curiosidade de ser editado de uma forma alternativa - o que aliás seria de se esperar, em se tratando de um livro de História Alternativa. E vem num momento muito oportuno, quando imaginar o que *poderia* ter sido feito nêstes 500 anos de Brasil nos faz refletir sobre como e porque o paraíso de Caminha deu no que deu. Trata-se da FC no que ela mais tem de oposto ao que se pensa usualmente como FC, mostrando mais uma vez que este campo da literatura já está prá lá de maduro para uma mudança de nome, que melhor o identifique

TIMEQUAKE
(Ed. Rocco, R\$ 25,00)

Mais uma e a última vez, o filósofo gozador Kurt Vonnegut volta a nos espicaçar a consciência com mais um daqueles seus livros inclassificáveis, cujo título a Rocco, sabiamente, deixou sem traduzir: "Terremoto Temporal" iria sugerir uma daquelas *space operas* dos anos 50, quando a rigor o livro nem é de FC. E é curioso notar que antes de se tornar famoso, impulsionado, suprema ironia, pelos fãs de FC, o KV vivia negando veementemente ser um escritor de FC. O que talvez seja em parte verdade, pois muitos dos seus livros, mesmo empregando temas favoritos da FC, não foram escritos com a *intenção de ser FC*.

Não importa muito porém se os seus livros são FC ou sátiras de costumes ou fábulas moralistas - seja lá o que forem, em muitos deles e em particular neste seu recente *Timequake*, rola o tema da volta ao passado, um dos temas favoritos da FC. Também não importa muito se o tema é novo ou não, vale mais o modo como êle é contado. E o KV consegue tratar do assunto com o brilho de sempre, ao mesmo tempo sarcástico e compassivo com as tolices humanas, trucidando, entre outras coisas, com o livre-arbítrio e com o que a maioria das pessoas faria se tivesse a chance de começar tudo de novo. Bem, no caso, não tão de novo... Mas não queremos estragar a surpresa. Leitura fascinante, mesmo para quem não se interessa por FC, porém gosta de refletir sobre o que estamos a fazer por aqui.

**A EXTERMINADORA
IMPLACÁVEL**
(Ed. Scala, R\$ 6,00)

O escritor Rodney Silveira não é muito familiar aos leitores brasileiros, motivo que deve tê-lo impulsionado a incluir a sua biografia no opúsculo em questão. Sua vida movimentada o levou por locais exóticos e marcantes aventuras marciais e sexuais, que se refletem no texto com descrições explícitas de sexo e violência. A capa acompanha o tom, na venerável tradição do sub-gênero de *Tiros & Têtas* da FC, que vem dos *pulp magazines* das décadas de 30 a 50. Êste e o igualmente titilante sub-gênero de *Monstros & Têtas* andaram meio murchos ultimamente, depois que a *Playboy* e outras ainda mais *hard* tornaram supérfluas (e até inocentes) aquelas heroínas de peitos opulentos, mal contidos por exíguas tiras de couro e, invariavelmente, empunhando espadas fállicas ou sendo levadas por monstros com intenções lúbricas. Certas coisas porém não morrem nunca, principalmente quando tocam em nossos pontos sensíveis e, sem muitas pretensões, o livrinho pode ser até uma leitura estimulante, por exemplo para aqueles momentos de indecisão num motel.



Não, não se trata de mais uma revista da Abril. É apenas uma barretada que damos aos nossos patricios d'além-mar, que mui e justamente orgulhosos da lingua que inventaram (com algum auxilio de mouros, celtas, vândalos e outros menos votados), se dão ao trabalho de verter para esta última flor do Lácio todos os barbarismos que aparecem.

Sem exagêro porém, afinal nós aqui abaixo do Equador temos que preservar a nossa justa reputação de ter bom jogo de cintura. Portanto, os que forem em inglês aqui são "sites" mesmo, sem aspas, e o que for nosso vira sitio. Rá!

E eu também acho que a melhor tradução para "site" é local e não sitio, porém não daria o mesmo efeito - licença poética!

Sites

Babylon 5 Enciclopedia <http://www.oinc.net/B5/Enc/>

Bem, êste é um daquêles sites cujo nome já diz tudo : tem tudo mesmo para aplacar a saudade dos fãs da finada série, que aliás teve uma espécie de continuação natimorta, a série Crusade. Que não emplacou, por justa causa - personagens opacos, fórmula capitão-médico-tenente já muito gasta (e um capitão com jeito de panaca, ainda por cima). Mais uma vêz está demonstrada a sabedoria de sair de campo no auge, tal como o Pelé. Melhor do que requeantar o defunto com novas gerações que nada têm a ver com o original.

The Ultimate SF Guide <http://www.magicdragon.com/UltimateSF/SF-index.html>

Numa época em que tudo vira mega-alguma-coisa, independentemente do tamanho, êste é o site que pode até merecer o título de Mega Site da FC. Tem até uma sub-página sobre a FC em (quase) todos os países da Terra, na qual o Brasil, apesar dos habituais êrros de grafia dos nossos nomes próprios, aparece bem melhor do que muitos países tais como o Burundi, Bolívia e Látvia. Há também páginas e mais páginas de resenhas de novos lançamentos, nos EUA certamente, porém facilmente acessíveis via Internet. Outro aspecto interessante é que o site é interativo, aceitando contribuições dos fãs, particularmente para atualização das informações.

Learn how to write <http://www.pipeline.com/~sfauthor>

Nada mais norte-americano do que um guia "how to do qualquer coisa" e seria de estranhar que êles ainda não tivesse descoberto mais êste filão para faturar uns cobres. Brian Dana Akers não causou lá grande impacto como escritor de FC, porém certamente se saiu muito melhor com esta sua seleção de livros didáticos, que se não serão capazes de fazer um (nome de escritor) sair escrevendo como, digamos, Ray Bradbury, poderão no mínimo atrair a atenção de editores mais benevolentes. Tais como os do Somnium, por exemplo.

Sítios

CLFC <http://members.tripod.com/~CLFC/>

Mantido pela valentia e boa-vontade de alguns sócios, o sítio oficial do Clube continua sendo um local de encontro aberto a todos, particularmente para aquêles que por quaisquer motivos não possam teletransportar seus corpos físicos para as reuniões do clube, que ocorrem mensalmente no Rio e em São Paulo.

FC em Portugal <http://simetria.esoterica.pt>

O excelente sítio dos nossos irmãos lusitanos é um prato cheio para quem gosta de FC, porém já está um pouco cansado da massacrante anglofonia vigente nela. Apesar da distância não nos permitir comparecer às tertúlias quinzenais do Simetria, no âmbito do virtual ao menos poderemos acessar resenhas, contos etc..., com uma peculiar visão lusófona e européia da FC.

Cinema e TV <http://www.parada.com.br>

Não é um sítio específico de FC, porém todas as novidades de cinema e TV estão lá, inclusive as séries de TV que ainda nem estão passando por aqui. Textos, resenhas, fotos, tem um pouco de tudo - inclusive FC!

A Narrativa metaficcional de Sousa Ramos

por Roberto de Sousa Causo

O *Outro Lado do Protocolo*, de Paulo de Sousa Ramos, foi originalmente publicado em 1985 pela pequena Editora Soma, de São Paulo, com introdução do Prof. Duílio Colombini. Certamente sofreu todos os problemas de distribuição e divulgação comuns a livros de editoras pequenas, passando despercebido até pelos fãs de ficção científica mais aguerridos.

Não obstante, a novela de Ramos é um dos melhores exemplos da tradição brasileira de ficção científica de utopias e distopias.

Em 1930 Menotti Del Picchia levou uma expedição militar brasileira até a utopia supertecnológica de A Filha do Inca ou República 3.000; mas os que lá chegaram descobriram que era preferível fugir dela e viver uma vida cabocla bem brasileira, iniciando uma tendência na direção da distopia ou da anti-utopia. Outra distopia é O Fruto do Vosso Ventre (1984), de Herberto Sales, ambientada em uma ilha em que os novos nascimentos são proibidos. De Ignácio de Loyola Brandão, Não Verás País Nenhum (1982) é outro romance que se qualifica como distópico.

Muitas vezes é difícil estabelecer uma fronteira nítida entre a utopia e a anti-utopia. Uma das definições de utopia é a de um contexto em que os conflitos sociais e políticos estejam aplacados — o que vemos de maneira divertida em *O Outro Lado do Protocolo* quando os grupos dos Setenta e dos Setecentos votam sempre 50% a favor e 50% contra. Quando o equilíbrio já não se manifesta ou sua falsidade é exposta (pelo final da novela), acontecem distúrbios civis, vandalismo e a invasão da casa de Tânia-Tamerlão,

sugerindo uma violência abafada no tecido social, mascarada pelo “protocolo”. Tamerlão revela, numa pesquisa pessoal, que os números “contra” chegam próximos aos 98%. A uniformidade aparente da sociedade de “lá”, como diz o narrador, também é sublinhada várias vezes durante a narrativa.

Mas a novela de Ramos pertence a uma linha bastante específica dentro das utopias e distopias nacionais — a que enfoca um mundo futuro de sexo livre, e que nos é mais conhecida pelas série narrativas interligadas escritas por André Carneiro, a partir da década de sessenta. As explorações de Carneiro nessa linha incluem o conto “Diário da Nave Perdida” (1965) — que inaugura o recurso de uma espécie de psicoteatro de cunho sexual, que seria exacerbado décadas mais tarde com *Amorquia* — e as novelas *Piscina Livre* (São Paulo: Moderna, 1980) e *Amorquia* (São Paulo: Aleph, 1991), além de alguns contos presentes na coletânea *A Máquina de Hyerónimus e Outras Histórias* (São Carlos: EdUFSCar, 1997), em particular “A Pergunta”, em que um casal descobre que não pode fazer a pergunta transcendental sobre a morte e o sentido da vida, porque o Computador Central fornece toda a felicidade necessária, inclusive a imortalidade, e “A Missão”, em que Percus, um dos protagonistas de *Amorquia*, retorna do tempo até o momento em que se dá a grande transformação de uma sociedade muito próxima da nossa, para a utopia sexual do futuro.

Poderíamos chamar essa seqüência de “Série Anarquia Sexual”, pois uma das suas constantes é a inexistência de uma hierarquia de poder, ou de classes e identidades

nacionais. Assim como em *O Outro Lado do Protocolo*, há um computador que tudo provê, as pessoas vivem um constante hedonismo sexual, e a doença e a degradação física estão distantes (em *Amorquia*, ela é totalmente desconhecida) da experiência imediata. Outro ponto que une o trabalho dos dois autores é a comunicação de um ethos associado a uma classe média-alta de pessoas cultas e avançadas, que absorveram um comportamento pós-Revolução Sexual.

Na novela de Ramos, os homens vivem com aparência jovem até os 78 anos e as mulheres até os 75, e então são exterminados pelo computador, após o surgimento da chamada “mancha precursora”. A ficção científica tem precedentes — uma exploração popular está no filme *Fuga do Século XXIII* (Logan’s Run, 1976), um mundo pós-holocasto em que, ao chegarem aos trinta anos, as pessoas são mortas durante um espetáculo público, para manter o equilíbrio populacional dentro de habitats subterrâneos. O autor norte-americano Garth Nix baixou essa idade limite para quatorze anos, no romance *Shade’s Children* (HarperTrophy, 1998). O recurso parece simbolizar a idéia de um controle estatal sobre a mais eventual e definitiva das experiências, a morte.

Mas a fonte principal tanto de *O Outro Lado do Protocolo* quanto da *Série Anarquia Sexual* provavelmente está em *Admirável Mundo Novo* (1932), do inglês Aldous Huxley. Nesse romance, homens e mulheres são gerados em linhas de montagem de engenharia genética. Sua sociedade tem como ideais o sexo livre, o contentamento por via das drogas —

que também estão presentes nos trabalhos de Ramos (as pilulas azuis que Tamerlão dá ao protagonista) e de Carneiro — e a produtividade industrial até mesmo nos campos artísticos e de entretenimento — o que também vemos na irônica seleção dos Sete Poetas em *O Outro Lado do Protocolo*, por um concurso em que são medidos os níveis hormonais dos inscritos. Uma vez ganho o concurso, os vencedores parecem assumir um status burocrático na estrutura da sociedade. Há, talvez, nos Sete Poetas e na sua poesia pueril ecos do personagem Helmholtz e seu curso de Engenharia Emocional Adiantada, em *Admirável Mundo Novo*. O primeiro, porém, a usar de poetas submetidos ao controle da ideologia estatal foi o russo Yevgeny Zamyatin, no seu clássico *Nós*, romance que provavelmente deu origem tanto a *Admirável Mundo Novo* quanto a outro clássico, 1984, de George Orwell. (De fato, é possível argumentar que Zamyatin é o pai da distopia moderna. Há indícios, aliás, de que Ramos teria lido *Nós*: lá também aparece o incomum nome de “Tamerlão”.)

O hábito mantido por Ramos e Carneiro, de entremear poemas à prosa de suas novelas também está muito presente no autor inglês, com o seu protagonista, o Selvagem, recitando Shakespeare o tempo todo. Mas ao contrário de Huxley, os dois brasileiros optam por diálogos secos e enxutos, sem muitas intervenções do narrador, do tipo “disse” e “continuou”, abundantes em *Admirável Mundo Novo*.

Um outro grande diferencial está no tipo de narrador que Ramos escolheu. Não se trata, certamente, de um narrador tradicional. O narrador de Ramos não tenta conquistar o leitor, nem assumir uma voz de autoridade. Ao contrário, ele se contenta em nos oferecer fatos incompletos — a começar por seu próprio nome, nunca revelado (por questão de “modéstia”) — e frequentemente assume que se

esquece de certos acontecimentos, ou acha melhor deixar de fora ocorrências e comentários que creem estarem melhor assim. Ironicamente, assume estar relativamente perdido na sociedade que visita, ao colocar tanta esperança no amuleto que carrega consigo, como se não pusesse a acreditar muito no uso da razão, dentro do novo contexto.

O autor implícito torna evidente que toda história contada compreende o que é incluído e o que é excluído do texto. *O Outro Lado do Protocolo* com certeza floresce no uso da elipse — a sugestão da presença de elementos não explicitados, mas que permanecem operantes dentro da estrutura da narrativa. O recurso está presente não só no plano da linguagem, mas no plano dos acontecimentos da novela — o protagonista, por exemplo, entra em cena despencando morro abaixo, até cair aos pés da mulher nua que ele, aparentemente, observava com um par de binóculos.

Estava tão interessado nas possibilidades contidas no binóculo, que me esqueci que o chão é base necessária, mesmo para quem divaga. Uma touceira cedeu sob os pés, rolei pela encosta, uns vinte metros. Algum dia medirei.

“Algum dia medirei” — o autor implícito não sabe dizer com precisão, mas ao mesmo tempo, não se contenta em ser aproximativo (“uns vinte metros”). “Um dia medirei” deixa a questão em aberto, e a própria história está repleta de espaços deixados à confirmação posterior, quando a tradição da narrativa realista pressupõe um nível de certeza e de completude dos fatos narrados. O narrador esquece detalhes, confunde-se e assume que não tem a informação em mãos — vire-se o leitor. No capítulo 13, ao finalmente encontrar no edifício do “Arquivo Público Imediato” (“arquivo imediato” sendo provavelmente um oxímoro) uma informação objetiva sobre a Grande Transformação de que todos falam, ele

a descobre incompleta — “A extensão do computador que servia o edifício [...] teve uma crise emocional visível num curto-circuito. A placa de informações ficou em parte prejudicada.”

Em tudo, essa prática compõe uma técnica para chamar a atenção sobre a superfície expressiva do texto, e suas limitações. A nota biográfica presente em *Os Senhores Assaltantes* (São Paulo: Edicon, 1987), de Ramos, afirma que “Em sua obra se evidencia a intencional procura dos limites entre o significado e a palavra”, e na quarta-capa do mesmo livro, que o autor “coloca em pauta a essencialidade dos conceitos, jogando com eles. Brinca com o mistério em sucessivas interferências, pondo o significante ao nível do significado. Para ele, o signo é tão importante quanto a idéia, como em um anagrama.”

Paulo de Sousa Ramos, ele próprio um professor de teoria literária, está consciente das práticas metaficcionais associadas à literatura pós-modernista, e as emprega em *O Outro Lado do Protocolo*. A metaficção, que chama a atenção sobre o próprio ato de criação ficcional, reage contra o possível esvaziamento das técnicas realistas de narrar, uma vez que se apregoa que “A visão de mundo materialista, positivista e empírica em que se baseia a ficção realista já não mais existe”¹. Como vemos na sua novela, as obras metaficcionais “tendem a serem construídas sobre o princípio de uma oposição fundamental e sustentada: a construção de uma ilusão ficcional (como no realismo tradicional) e a exposição dessa ilusão”². Temos, portanto, em *O Outro Lado do Protocolo* uma estrutura narrativa em que acontecimentos são narrados com certa clareza, enquanto no plano da linguagem se estabelece uma dinâmica que expõe a incapacidade do narrador em expressar com precisão a totalidade do que se passa na história. E, ao fazê-lo, ele está igualmente expondo a incapacidade da língua de representar uma totalidade — ela abriga lacunas e

ambigüidades, que a novela de Ramos cuida demonstrar.

A metaficção aparece ainda quando o narrador invoca um interlocutor prévio à produção do texto — o tal “amigo” a quem o narrador mostrou os seus rascunhos, e que opinou em vários momentos, sobre o quê e como narrar. O autor — como quem constrói a obra — está presente, violando a norma realista de apagar a sua presença ostensiva do texto. O diálogo com o “amigo”, por sua vez, enfatiza a qualidade de não-completude da obra, que nos parece em andamento, a espera de conclusões e de detalhes que o autor ficou de medir “algum dia”.

No ensaio “Ciência Ficção: Literatura Brasileira de Vanguarda”, a Profa. Teresinka Pereira tenta encontrar um caráter de denúncia ao mundo de aparências e de falsidades “protocolares” na novela de Ramos: “As máquinas podem ser mais perfeccionistas que o ser humano, mas são também mais limitadas. Depois de ler [a novela] de Paulo de Sousa Ramos, o leitor chega à conclusão de que afinal ser aparentemente jovem e formoso não apresenta nenhuma vantagem total.”³ É difícil, porém, estabelecer um sentido único para a mensagem do livro. “Ambigüidade e ironia deixam aberta ao leitor a ‘decifração’ da metáfora que o conjunto da obra instaura”, como nos diz o Prof. Colombini, no ensaio introdutório da primeira edição⁴. De fato, percebe-se especialmente na atuação do herói, que seus feitos de transformação da “sociedade protocolar” carecem de mérito. Quando Stínia encanta-se com ele e assume o envelhecimento, ao abster-se de beber a água com a substância rejuvenescedora (e na tentativa de enganar o computador), ela logo se descobre sozinha — o protagonista não lhe pode oferecer consolo. Isso cabe ao pai de Tânia, Insek, que primeiro havia tentado embarçar o herói, para depois aceitar a novidade que ele trazia (o envelhecimento) e, finalmente, tornar a acusá-lo: “O culpado é o senhor Ricardo, que nos

trouxe uma nova visão da vida, quero dizer, nova forma de morrer.”

Os próprios sentimentos do protagonista com relação a Stínia não são muito nobres: ele está satisfeito em ter sexo com ela, mas sempre paira uma sombra — estar se relacionando com uma velha (mas jovem por fora), como se consumisse um produto degradado mascarado por uma embalagem vistosa. Ao mesmo tempo, é a mulher do amigo Tamerlão que ele cobiça. Ao final da novela, depois que o interesse do personagem por Tânia foi consumado, Stínia aparece para confrontá-lo uma última vez, agora envelhecida. Ele está perto de deixar o mundo em convulsões causadas por ele, e quando ela pergunta, “Não vai me levar?”, ele se safá no instante em que Tamerlão diz que na máquina do tempo só cabem três.

De modo semelhante, o caráter revolucionário do herói é abafado por dois fatores: sua insistência em manter o bom-tom (expressão repetida 22 vezes ao longo da novela), sendo sincero com seus questionadores, e causando comoções sem o propósito de causá-las; e sua confusão com o “Sr. Ricardo”, um dos protagonistas da Grande Revolução, que assume um caráter mítico-lendário, preparando a recepção dos atos do herói anônimo, pelos habitantes da utopia. Como no romance de Philip K. Dick, *The World Jones Made* (1956; na edição brasileira da Bruguera com o título de *Passageiros para Vênus*), os efeitos dos seus atos parecem emanar de uma vontade que não faz parte dele, que é exterior, projetada no tempo. O caráter do herói não é nada revolucionário, embora seus atos terminem sendo.

Em tudo, *O Outro Lado do Protocolo* é uma narrativa construída em torno da ausência de certezas, de modo a expor os limites da linguagem e das percepções. Isso se dá no plano da linguagem, com a constante referência a dados que o autor não possui, e também por meio do estilo esquivo; no plano dos personagens, nunca diretos, sempre ambíguos e

reticentes, com aparências fabricadas e de essência indivisível (a mulher e o homem velhos em corpos jovens); e no plano do enredo, com as motivações revolucionárias do protagonista nunca se materializando realmente. Um mérito especial está justamente no equilíbrio dos componentes da narrativa, sem que nunca a forma, ainda que repleta de auto-consciência literária, supere o desenvolvimento seguro do enredo — “A idéia básica de *O Outro Lado do Protocolo* é a de entretenimento”, o autor nos avisa, deixando claro que não pretende sacrificar o prazer da leitura pelo prazer da decodificação e interpretação do seu texto.

Mas sua metáfora do sentido inapreensível é efetiva, e ganha valor por se projetar como especulação social, nesta anti-utopia. À primeira vista, não é possível compreender o sentido do mundo pós-Grande Transformação, e sua aparente estabilidade é falsa.

Não é à toa que ruiu aos pés da sólida estátua do “Sr. Ricardo”.

Notas

1 WAUGH, Patricia. *Metafiction: The Theory and Practice of Self-Conscious Fiction*. London: Methuen, New Accents, 1984, página 7.

2 Idem, Página 6.

3 PEREIRA, Teresinka. “Ciência Ficção: Literatura Brasileira de Vanguarda”. In *Ensaio Internacional de Ficção Científica Brasileira*, Roberto de Sousa Causo, ed. Brasópolis: Edgard Guimarães Editor, Biblioteca Essencial da Ficção Científica Brasileira Volume 1, 1997, p. 3.

4 COLOMBINI, Duilio. *O Outro Lado do Protocolo*, Paulo de Sousa Ramos. São Paulo: Editora Soma, 1985, p. 6.

"Criacionismo científico" : contradição de termos

por Gerson Lodi-Ribeiro

O assunto deve ser familiar para quem tem acompanhado os jornais e as discussões via Internet na lista do CLFC, estas sempre animadas e por vezes prolixas, eruditas ou beirando temerariamente pela fronteira movediça entre a Filosofia e a Religião. Religião que volta com a bola toda neste fim de século, sentindo enfraquecer o fascínio com a Ciência, que por um breve tempo na escala da existência da Humanidade, desviou o férreo domínio que a papas, rabinos, mullahs etc.. sempre mantiveram sobre a liberdade de pensamento. Que é fundamental, entre outras coisas, para a própria existência da literatura de FC, que pode utilizar sem receios a luz da imaginação para despertar em seus leitores uma compreensão mais madura da própria Religião ou dos temas ontológicos, escatológicos e filosóficos em geral. Vade retro, Satanás !!

Quando um aluno pergunta o que é a ciência, o professor costuma explicar em tom pomposo que "ciência é o constructo do intelecto humano elaborado para nos auxiliar na conquista de uma maior compreensão do mundo natural".

Sim, mas e daí?

Bom, ciência parece ser uma daquelas entidades com miríades de definições. Uma das minhas definições prediletas é aquela que compara a ciência a uma estrada. Uma estrada para nos conduzir a um entendimento melhor do mundo em que vivemos. Uma estrada dentre várias outras que julgamos poder levar a este mesmo destino. É, contudo, uma estrada com suas particularidades, como qualquer outra.

Em ciência, as explicações só são aceitas como válidas quando baseadas em observações e experimentos que podem ser repetidos por outros cientistas. Explicações que não se baseiam em evidência empírica não constituem parte integrante da ciência.

Para conquistar essa decantada compreensão do universo, os cientistas empreendem a coleta de grandes quantidades de dados observacionais. Esses conjuntos de dados são interpretados e esse processo de interpretação conduz eventualmente à elaboração de um modelo consistente para explicar um ou mais aspectos do mundo natural.

Os cientistas transmitem suas descobertas e conclusões a seus pares. Essa transmissão de idéias é feita através de publicações, apresentações em congressos científicos, conversas informais e vários outros meios. Ao tomar conhecimento das teses e idéias de seus pares, o cientista as submeterá a testes para verificar a validade das mesmas e, a partir desses testes, construirá suas próprias hipóteses científicas. Deste modo, a acurácia e a sofisticação dos modelos científicos tendem a aumentar ao longo do tempo, à medida que gerações sucessivas de cientistas corrigem e estendem a validade dos trabalhos e idéias de seus antecessores.

O progresso científico decorre do advento de explicações cada vez melhores para as causas dos fenômenos naturais. Os cientistas jamais afirmam que uma dada explicação é completa e definitiva. Algumas hipóteses acabam se revelando incorretas quando confrontadas com novas observações ou submetidas a novos experimentos. Ainda assim, há muitas explicações científicas que foram submetidas tantas vezes a testes, e para as quais foram efetuadas tantas novas observações e experimentos, que passaram a ser defendidas com confiança unânime pela comunidade científica.

A teoria da evolução é uma dessas explicações científicas bem estabelecidas. A grande quantidade de investigações científicas levadas avante

desde meados do século XIX transformou as idéias originais de Darwin sobre a evolução pela seleção natural numa teoria sólida e consistente¹. Hoje em dia, a teoria evolucionária é um campo de pesquisa extremamente ativo, com grande abundância de novas descobertas corroborantes que aprimoram cada vez mais nossa compreensão dos mecanismos pelos quais a evolução se processa.

O conceito de evolução biológica é uma das idéias mais importantes já gerada pela aplicação do método científico à compreensão do mundo natural. A evolução de todos os organismos ora existentes a partir de ancestrais que viveram no passado é o cerne de disciplinas biológicas tão distintas quanto genética; bioquímica; neurologia; fisiologia e ecologia. Somente por meio da teoria evolucionária podemos explicar o surgimento de novas moléstias infecciosas; o aparecimento de bactérias resistentes a antibióticos; as relações existentes entre plantas e animais selvagens e domesticados; a composição química da atmosfera terrestre; o desenvolvimento dos mecanismos moleculares das células; as similaridades existentes entre seres humanos e outros primatas; bem como inúmeras outras características do mundo físico e biológico.

TESES DO “CRIACIONISMO CIENTÍFICO”

Não obstante os inúmeros êxitos científicos, algumas seitas protestantes ainda hoje questionam o ensino da evolução. Este questionamento não ocorre apenas nas escolas norte-americanas, mas alguns colégios religiosos brasileiros.

Há quem critique o ensino da evolução pelo fato da teoria contestar as explicações para a origem da humanidade contidas nos dois primeiros capítulos do Gênesis. Há também os que advogam o “criacionismo científico” — tese que propõe a existência de evidências científicas capazes de provar que o universo físico e as criaturas biológicas teriam sido criadas exatamente com suas formas presentes — seja ensinado junto com a evolução, como se fossem duas teorias científicas antagônicas.

Os cientistas analisaram exaustivamente as hipóteses propostas pelo “criacionismo científico” e as rejeitaram por falta de evidência. Além disso, uma vez que as alegações não se referem a causas naturais e tampouco podem ser refutadas por experimentos ou observações, pode-se afirmar que tais alegações não se qualificam como hipóteses científicas. De fato, em 1987, a Suprema Corte norte-americana declarou que o criacionismo é religião e não uma hipótese científica e que, portanto, seu ensino não pode ser ministrado em aulas de ciência. Convém mencionar ainda que a maioria das religiões não vê nenhuma contradição entre seus sistemas de crenças e os conceitos propostos pela evolução.

IDADE DO UNIVERSO E ORIGEM DA VIDA

No que diz respeito à idade do universo e das primeiras formas biológicas terrestres, os advogados do “criacionismo científico” defendem uma variedade de pontos de vista.

Alguns declaram que a Terra e o universo são relativamente novos, tendo sido criados há cerca de 6.000 a 10.000 anos. Não raro, defendem também que o estado físico atual de nosso planeta pode ser explicado por processos catastróficos, que incluiriam o dilúvio universal, e que todos os criaturas vivas (inclusive os seres humanos) teriam sido criados miraculosamente nas mesmas formas hoje existentes na Terra. Referimos a essa tese como “criação recente”.

Outros advogados do “criacionismo científico” aceitam plenamente que o universo e a Terra existam há bilhões de anos. O que questionam é o advento da vida que, segundo eles, só seria possível com o concurso de uma intervenção sobrenatural. Chamamos as versões mais antigas desta tese de “criação especial” e as mais recentes de “propósito inteligente”.

Não existem cálculos ou dados científicos válidos para corroborar a crença de que a Terra teria sido criada há uns poucos milhares de anos. Ao longo do último século, disciplinas como a astronomia, a astrofísica, a física nuclear, a geologia, a geoquímica e a geofísica acumularam vasta quantidade de evidência em favor de um universo, uma galáxia, um Sistema Solar e uma Terra cujas idades são mensuradas em bilhões de anos.

Métodos científicos independentes fornecem uma idade de cerca de 5 bilhões de anos tanto para a Terra quanto para o Sistema Solar, e uma idade duas a três vezes maior para a galáxia e o universo. Essas conclusões não só fazem da origem do universo um conceito consistente como um todo, como emprestam coerência a muitas disciplinas científicas diferentes; disciplinas que hoje constituem os fundamentos de um corpo de conhecimento sobre as origens e o comportamento do mundo físico.

Também não existe qualquer evidência de que o conjunto de todos os registros geológicos² seja resultado de um único processo catastrófico, como um dilúvio universal, ocorrido há poucos milênios, que tenha coberto as montanhas mais altas da Terra sob alguns metros de profundidade durante vários meses. Os depósitos de sedimentos terrestres e marinhos demonstram que não há um só registro geológico que indique que em qualquer época do passado o planeta tenha estado inteiramente submerso. Além disso, um dilúvio universal da magnitude necessária para explicar a formação dos depósitos de rochas sedimentares hoje existentes, alguns com vários quilômetros de espessura, exigiriam um volume de água muito superior ao presente na Terra nos últimos 4 bilhões de anos, desde a solidificação da crosta terrestre.

A crença de que sedimentos terrestres, com todos os seus fósseis, possam ter sido depositados ao longo de apenas um ano na seqüência ordenada que hoje conhecemos desafia todas as observações geológicas e princípios físicos relativos a taxas de sedimentação.

FALÁCIA DOS REGISTROS FÓSSEIS INCOMPLETOS

Alguns criacionistas citam o que afirmam constituir um registro fóssil incompleto como evidência de uma suposta falha da teoria evolucionária.

O que há de verdadeiro nessa alegação?

Bem, a disciplina científica que estuda os registros fósseis é a paleontologia. De fato, na época de Darwin a paleontologia ainda engatinhava como ciência. Uma grande parcela da sucessão geológica de estratos rochosos não era conhecida ou, quanto muito, havia sido ainda bem pouco estudada. O próprio Darwin preocupou-se bastante com a raridade de formas intermediárias

entre os principais grupos de organismos vivos.

Hoje em dia, a situação é bem outra. Muitas das lacunas outrora existentes no registro paleontológico foram preenchidas pelo esforço diligente de várias gerações de paleontólogos. Centenas de milhares de organismos fósseis foram encontrados em seqüências de rochas com datações estabelecidas, representando sucessões de formas biológicas através do tempo e demonstrando muitas das transições evolucionárias que podiam ser apenas imaginadas na época de Darwin. Sabe-se atualmente que as formas microbianas mais simples já existiam há 3,5 bilhões de anos. A incidência mais antiga de organismos unicelulares complexos (*eucariotas*, possuidores de núcleos celulares individualizados) foi descoberta em rochas de 2 bilhões de anos. Organismos multicelulares como as plantas, os animais e os cogumelos só aparecem em estratos geológicos muito mais recentes, com datações a partir de 650 milhões de anos.

Tantas foram as formas intermediárias descobertas entre peixes e anfíbios, anfíbios e répteis, répteis e mamíferos, e ao longo da linha de descendência dos primatas, que torna-se por vezes difícil identificar de modo categórico quando a transição entre uma espécie ancestral e outra descendente realmente se deu. Pode-se dizer que quase todos os fósseis representam formas intermediárias num certo sentido, pois constituem formas de vida que existiram entre as formas que as precederam e aquelas que a elas se seguiram.

O registro fóssil fornece portanto uma evidência consistente da mudança sistemática dos seres vivos ao longo do tempo. De fato, a evidência fóssil mais persuasiva em favor da evolução é a própria consistência da seqüência de fósseis, dos mais antigos até os mais recentes. Em nenhum lugar da Terra encontramos, por exemplo, mamíferos no Devoniano (Idade dos Peixes), ou fósseis homínídeos coexistindo com os de

dinossauros. Estratos geológicos não perturbados que contêm organismos unicelulares primitivos sempre antecedem aqueles com organismos multicelulares. Do mesmo modo, invertebrados sempre precedem os vertebrados. Em nenhum ponto essas seqüências aparecem invertidas. Além disso, fósseis de estratos adjacentes guardam semelhanças maiores do que a de fósseis de estratos temporalmente distantes entre si.

Portanto, a conclusão científica mais plausível que se pode extrair dos registros fósseis é que a descendência com modificações realmente ocorre conforme afirma a teoria evolucionária.

“PRESENCIANDO” A EVOLUÇÃO

Adeptos da “criação especial” argumentam que “ninguém presenciou a ocorrência da evolução”. Este tipo de argumento trai uma ignorância profunda quanto à maneira como a ciência testa suas hipóteses. Não presenciemos a Terra descrevendo sua órbita em torno do Sol. Tampouco vemos os átomos que constituem os corpos materiais. Nós “presenciamos” seus efeitos, suas conseqüências. Os cientistas inferiram a existência dos átomos e a órbita da Terra ao redor do Sol depois de testar exaustivamente as previsões derivadas dos modelos que propuseram esses fatos através de experimentos e observações.

Além disso, podemos realmente “experienciar” a ocorrência cotidiana de evolução em pequena escala. O surgimento de novas cepas de vírus da gripe todos os anos e o advento de bactérias resistentes aos antibióticos são dois exemplos notáveis das forças evolucionárias em ação. De fato, a rapidez com que organismos de vida efêmera, como vírus e bactérias, evoluem sob a pressão de um meio ambiente hostil é um fato científico de grande relevância médica. Experimentos de laboratório demonstraram que por causa de mutações aleatórias e da seleção natural tais organismos

são capazes de tornar-se significativamente diferentes de seus ancestrais: ao longo de uma única geração.

Numa escala consideravelmente maior, a evolução dos mosquitos resistentes a inseticidas é outro exemplo da tenacidade e adaptabilidade dos organismos sob pressão do meio. De modo similar, os protozoários causadores da malária tornaram-se resistentes às drogas que eram empregadas para combater a doença até há alguns anos. Em conseqüência, a malária voltou a se expandir por muitos países do mundo subdesenvolvido, com mais de 300 milhões de casos clínicos registrados a cada ano.

TESE DO “PROPÓSITO INTELIGENTE”

Dados oriundos da biologia molecular têm sido usados em defesa de uma proposição criacionista pretensamente nova, a teoria do “propósito inteligente”. Os defensores desta tese afirmam que a complexidade estrutural dos organismos vivos é prova da intervenção direta de Deus para criar esses organismos prontos e completos, exatamente da maneira como eles são hoje. O argumento não é tão novo quanto parece, constituindo em verdade mera cópia requentada de um outro, de autoria de William Paley, teólogo inglês do século XVIII, que advogava ser o olho dos vertebrados tão perfeito em sua funcionalidade complexa e estrutura intrincada que era impossível que não tivesse sido elaborado em sua forma presente pela mão de um Criador onipotente.

Com argumentos em essência idênticos aos de Paley, os proponentes modernos da tese do “propósito inteligente” argumentam que estruturas moleculares como o DNA, e processos moleculares tais como a seqüência precisa de passos que levam à coagulação sanguínea, seriam tão irreduzivelmente complexos que só poderiam funcionar se todos os seus componentes estivessem simultaneamente prontos e em seus lugares desde o princípio. Os defensores do “propósito inteligente” afirmam que

essas estruturas e processos não podem ter evoluído gradualmente, passo a passo, conforme advoga a teoria evolucionária.

Contudo, em geral as estruturas e processos ditos “irredutivelmente” complexos não se revelam tão irredutíveis assim quando examinados de perto. É incorreto assumir que uma estrutura ou processo bioquímico complexo só possa funcionar se todos os seus componentes estiverem presentes e possuírem a forma exata de seus análogos atuais. Sistemas bioquímicos complexos podem ser construídos a partir de subsistemas mais simples através de processos de seleção natural. Deste modo, a história evolutiva de uma proteína pode ser traçada desde os organismos mais simples até os mais complexos. Peixes ágnatos como a lampreia possuem moléculas de hemoglobina mais simples do que a presente no sangue dos peixes teleósteos, mais evoluídos. Esses peixes, por sua vez, possuem hemoglobina mais simples do que a presente nos organismos dos mamíferos.

A evolução de sistemas moleculares complexos pode ocorrer de vários modos. A seleção natural pode criar numa determinada época diversos blocos moleculares capazes de realizar uma única função. Mais tarde, alguns desses blocos se recombinam entre si ou com outros sistemas para formar novos sistemas moleculares, capazes de realizar funções diferentes de quaisquer dos blocos ou sistemas originais. O encadeamento bioquímico complexo que resulta no processo de coagulação sanguínea pode ser explicado desta maneira.

De modo análogo, os mecanismos evolucionários são capazes de explicar a origem de estruturas anatômicas extremamente complexas. Os olhos, por exemplo, evoluíram independentemente diversas vezes durante a história da vida na Terra. Os passos dessa evolução foram desde o surgimento

das células sensíveis à luz, como as hoje existentes nas planárias, passando pela formação de unidades fotossensíveis individualizadas, já com a presença de lentes para focalizar a luz incidente, como ocorre nos olhos compostos dos insetos, até a eventual constituição de um olho tipo câmera com lentes simples focalizando imagens sobre uma retina, como ocorre nos vertebrados e nos moluscos cefalópodes. Assim, através de um percurso constituído por passos graduais cujos exemplos ainda podem ser encontrados nas diferentes formas biológicas atuais, olhos de muitos tipos diversos evoluíram independentemente, desde simples órgãos fotossensíveis até sistemas visuais de complexidade extrema.

CONCLUSÃO

A ciência não constitui, é claro, o único meio de adquirirmos conhecimentos sobre nós próprios e sobre o mundo que nos rodeia. Podemos conquistar a compreensão de muitas outras maneiras como, por exemplo, através da literatura, das artes, da reflexão filosófica e da experiência religiosa.

Embora o conhecimento científico possa ser empregado para enriquecer nossas percepções morais e estéticas, questões dessa ordem situam-se claramente fora do escopo da ciência.

A alegação de que, por questão de equidade, deveríamos conceder tratamentos idênticos à teoria da evolução e às várias teses do “criacionismo científico” reflete no fundo uma compreensão errônea do que é de fato a ciência e do modo como a prática científica deve ser conduzida. Investigações científicas são processos que procuram compreender os fenômenos naturais pela observação e experimentação. As interpretações científicas dos fatos e as explicações delas advindas devem, portanto, ser testáveis por observação e experimentação.

Criacionismo, “propósito inteligente” e outras alegações que advogam a necessidade de uma intervenção sobrenatural no advento da vida ou na origem das espécies não constituem ciência porque não podem ser testadas pelos métodos científicos e não estão sujeitas à refutação, ao contrário das teorias científicas. Tais alegações subordinam os dados observados a afirmações baseadas em dogma, revelação e crença religiosa. As referências citadas em apoio a essas alegações limitam-se tipicamente a publicações especiais de seus defensores. Essas publicações não oferecem hipóteses sujeitas à refutação à luz de novas observações, novas interpretações, ou mesmo à luz da demonstração de erro crasso. Tal postura contrasta desfavoravelmente com a assumida pela ciência, em que cada hipótese ou teoria permanece sempre sujeita à possibilidade de rejeição ou modificação à luz de novos conhecimentos.

Não devemos admitir como ciência qualquer corpo de crenças cuja origem resida em material doutrinário de conteúdo dogmático irrefutável. Reafirmando o que se disse acima, ciência se constrói com observações, interpretações e experimentos. Se isto não ocorre, não estamos tratando com ciência, mas apenas com teses que pretendem passar como tal.

Bibliografia:

1. *Science and Creationism*
National Academy of Sciences,
2nd Edition, 1999
2. Registro geológico ou paleontológico é aqui entendido como a sucessão ordenada de fósseis, dos mais simples e antigos até os mais complexos e recentes.

Um conto do Martinho dispensa comentários, ainda mais quando êle nada de braçadas no mar de águas escuras do horror, encontrando linhas de contato inusitadas entre seres e situações à primeira vista disparatadas, costuradas numa trama coerente com a habitual competência.

*“Auriverde pendão de minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança
Estandarte que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas de esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!”*

Castro Alves, “O Navio Negreiro”

I. O Homem

Em uma de minhas visões, a bandeira está rasgada, e queima nas bordas, e tinge-se de sangue; nesta visão, ninguém mais ousa sequer murmurar o hino... o mesmo hino que meus pais e avós cantaram tantas vezes, no final de tantas ditaduras, a música que inspirou exércitos e derubou presidentes.

Na visão, os fantasmas que hoje se movem apenas na tela holográfica dos computadores da plataforma, pontos de luz que extrapolam, em três dimensões, os fosséis que encontramos na falha — seres de milhões de anos atrás, espécimes chamados de “ciclomedusas”, ou “pteridínios”, ou “dickensonianos” — existem *fisicamente*, e multiplicam-se, e enchem os mares com sua massa informe, e se unem e, uma vez unidos, obtêm *consciência*. E o poder de seus pensamentos me atinge como um golpe, um soco no peito, arrancando-me do mundo da visão, arremessando-me de volta à realidade.

Percebo que, mais uma vez, adormeci sobre o terminal.

Também noto, sem saber exatamente como, que o Homem Obscuro esteve aqui, nesta sala. Sem saber como, tomo consciência de que ele esteve junto à soleira da porta, e apenas olhou para mim, e sorriu com a luz fria do vestibulo às suas costas, o

rosto assumindo aquela expressão composta de um tanto de piedade e de um outro tanto de escárnio. Depois foi-se. É ele, estou certo, que me causa as visões. Não por telepatia, mas algo diferente. Mais antigo.

Insidioso.

Nós da estação de pesquisas o chamamos de Homem Obscuro, mas seu nome é Pierre Dunkelhügel. Ele veio à Antártida como observador indicado pelos acionistas suíços do consórcio e, até onde nossa equipe de segurança pode dizer, seus papéis estão suficientemente em ordem. Chamá-lo de “Obscuro” é uma mistura de trocadilho com seu sobrenome, que contém a palavra “dunkel” — “escuro”, em alemão — e piada de mau gosto: ele sofre de uma variedade rara, desagradável de se contemplar, mas aparentemente não muito debilitante, de albinismo.

A alcunha surgiu entre o pessoal menos graduado, os técnicos e guardas que, com certeza, têm um apelido secreto para cada um de nós, os “cabecões”, cientistas. E, assim como os outros apelidos, este também teria ficado restrito às equipes de serviço, não tivesse o termo “obscuro” se mostrado tão adequado.

Desde que chegou à estação, Dunkelhügel sempre pareceu preferir os pontos menos iluminados, as sombras e áreas de penumbra, o catre mais

distante da vigia, a cadeira sob a lâmpada queimada. Essa peculiaridade foi logo atribuída ao albinismo, e não teria sido suficiente para consolidar o apelido, mas havia algo além. Como uma certa disposição mórbida do caráter, alternando longos lapsos de silêncio pensativo com rápidas tiradas de um humor sardônico, quase cruel.

Foi essa crueldade, creio — sugerida, jamais realmente expressa, mas, de alguma forma, sempre *presente* — que fez com que todos, e não apenas os soldados russos e técnicos americanos, passássemos a ver Dunkelhügel como o Homem Obscuro.

II. O Testemunho

É difícil explicar a *amplitude* dos eventos em que estou envolvido — ou, ao menos, dos eventos em que, sugere as visões, *estarei* envolvido. Depois de tudo que me aconteceu nas últimas semanas, desde a chegada de Dunkelhügel, comecei a entreter a noção de que, assim como há cores muito altas, ou baixas, para a visão humana, também deve haver fatos, conceitos e realidades que escapam ao espectro não apenas dos olhos, mas de todo o conjunto da mente — para aqueles que crêem, da *alma* — dos de nossa espécie. Se nossos olhos são canhestros, por que não a totalidade de nossos cérebros? Um pedagogo cer-

ta vez me disse que crianças abaixo de determinada idade são incapazes de compreender conceitos matemáticos abstratos, como o número zero. Que abstrações, então, não escapam à mente adulta?

Essas especulações surgem sempre que, simulando a atitude mental de uma hipotética terceira pessoa — uma pessoa fria, neutra e racional — tento analisar o que vem se passando. Tudo que essa terceira pessoa pode fazer, no entanto, é dar de ombros e sorrir um sorriso impotente... ao mesmo tempo em que reprime um calafrio, vindo não se sabe de onde e causado não se sabe por quê.

Da mesma forma que as cores de fora do espectro visível podem cegar, inutilizando nervo e retina, talvez também as realidades externas ao espectro da mente sejam nocivas — deixando cicatrizes naqueles que insistem em persegui-las, ou mesmo *incinerando totalmente* a frágil membrana da razão. De qualquer maneira, devo tentar. Se o destino é, realmente, aquele que antevejo, será necessário deixar um testemunho. Foi o que me propus a fazer assim que acordei nesta sala, com a certeza de que o Homem Obscuro estivera me observar. É o que farei agora.

III. A Falha

Começando pelo início: estamos (eu e mais noventa e sete pessoas) na Estação Internacional de Pesquisa de Vida Extremófila *Salvador Allende*, uma plataforma artificial construída sobre um bolsão de águas relativamente quentes do Oceano Antártico. Estamos fora de águas territoriais chilenas, mas como a região de Punta Arenas foi de grande importância logística para a construção da estrutura, o consórcio deu a Santiago o direito de escolher o nome deste lugar. Já a tecnologia envolvida foi, quase toda, adaptada de técnicas brasileiras para a extração de petróleo em águas profundas.

O objetivo da *Allende* é estudar uma falha geológica aberta no leito do oceano, ao que tudo indica pelo mesmo encadeamento de convulsões tectônicas que abalou os Andes e destruiu as

milenares esculturas da Rapa-Nui, a Ilha da Páscoa. Por essa falha emanam quantidades nada desprezíveis de energia geotérmica, o que explica o bolsão de água relativamente quente.

A falha é estudada sob os mais diversos aspectos — desde seu comportamento sismológico até os possíveis efeitos do aquecimento das águas sobre o clima global — mas a principal ênfase do projeto, a linha de pesquisa que o consórcio está *realmente* financiando, é bem diferente: eu e meus colegas estamos envolvidos no estudo de seres alienígenas.

Não que alguém aqui acredite que haja um disco voador lá embaixo. Como o próprio nome da estação diz, viemos aqui procurar por vida *extremófila*. Esse termo, criado no final do século passado, descreve seres que proliferam em situações *extremas*, ambientes onde o bom senso diria que até mesmo as reações químicas mais básicas para o surgimento e manutenção da vida seriam inviáveis.

Além dos extremófilos, também buscamos por espécimes *arqueanos*: representantes dos seres que existiam antes da chamada Explosão Cambriana, ocorrida há cerca de 600 milhões de anos. Existe uma ligação entre as duas categorias. Praticamente todos os extremófilos atuais são, na verdade, arqueanos sobreviventes.

Tanto o registro fóssil quanto os extremófilos vivos mostram que antes da grande mudança do Período Cambriano — quando, subitamente, surgiram todos os tipos de animais hoje existentes — a Terra era habitada por seres que, para além da constituição química mais elementar, nada têm a ver com a vida como a compreendemos. Uma criatura como a ciclomedusa, por exemplo, é tão diferente de um homem e de uma árvore quanto o homem e a árvore são diferentes entre si.

Até a década de 90 do século passado, os fósseis de criaturas pré-cambrianas e as bactérias extremófilas eram vistos como meras curiosidades, algo como as chuvas de sapos e sangue estudadas por Charles Fort; no entanto, a exploração do Sistema Solar e a busca por vida em lugares como Marte

ou Europa — a lua de Júpiter para onde deve estar partindo uma missão tripulada nos próximos meses — mudou o cenário.

Afinal, se iríamos procurar por vida *extremófila* lá fora (até onde sabemos, esse é o *único tipo* de vida que pode haver em outros astros), talvez fosse melhor darmos uma olhada, antes, no que a Terra tem a oferecer.

Esse ponto de vista ganhou consistência com a descoberta de um meteoro aqui perto, na Antártida. Havia marcas no tal meteoro, marcas que poderiam ser bolhas de gás ou fósseis alienígenas microscópicos. Incapazes de chegar a uma conclusão, os cientistas da época acharam que seria melhor estudar os fósseis microscópicos conhecidos antes que se concluísse algo sobre rochas de outros planetas. Assim surgiu o Centro de Astrobiologia da NASA; quando essa estatal foi absorvida pelo consórcio, o nome do centro mudou para Departamento de Biologia de Ambientes Hostis.

Os cientistas do departamento estudam as bactérias que vivem em locais como velhos reatores de fissão nuclear, soluções salinas, ácidas ou alcalinas altamente saturadas, gêiseres, crateras vulcânicas ou outras fontes geotérmicas; os líquens que prosperam, microscópicos, nos Vales Secos da Antártida, a mais marciana das paisagens terrestres; ou as formas protoplásmicas que se reproduzem nas mais profundas fossas oceânicas.

Os pesquisadores também buscam por fósseis de edicaranos, criaturas pluricelulares que não são nem vegetais e nem animais, nem mesmo fungos, e que foram varridas da face da Terra pelo surgimento das novas espécies que vieram com a Explosão Cambriana. Os primeiros edicaranos foram descobertos na Austrália. Mais tarde, a Antártida também provou ser um generoso celeiro desse tipo de registro. Então, quando a falha se abriu — tão perto do continente gelado, e com uma fonte geotérmica de grande profundidade — a oportunidade de estudo pareceu boa demais para o consórcio deixar passar. Menos de um ano depois da destruição da Ilha da

Páscoa, a Estação estava pronta e operante.

IV. Símbolos

Reli com atenção o que escrevi acima. É curioso como, ao tratar dos fatos científicos que me trouxeram a este lugar, começo a sentir um ressurgimento do antigo entusiasmo, e me delicio com o som e as letras de palavras belas e complexas. Sinto um verdadeiro orgulho de artesão ao explicar os termos e métodos de meu ofício. Quase me esqueço dos sonhos, das visões — da figura de Pierre Dunkelhügel. Se pudesse deixar tudo para trás, e mergulhar no trabalho... Mas meu trabalho tornou-se indissociável da *coisa*. É impossível tratar de um sem sentir a sombra, o peso do outro.

Eu disse, anteriormente, que Dunkelhügel alterna grandes silêncios com breves tiradas de uma ironia ferina. Mas, claro, ele não se restringe a isso; ninguém poderia. O Homem Obscuro também conversa conosco sobre trabalho, e até mantém, por períodos razoáveis de tempo, alguns diálogos que poderiam ser considerados cordiais. Silêncio e ironia são apenas as duas características mais marcantes de seu discurso — e, sim, o silêncio faz parte do discurso de Dunkelhügel. O silêncio, o olhar, as sombras que parecem fluir ao seu redor, e a palidez mórbida.

Digo isto para explicar como teve início meu relacionamento com ele: através de uma conversa casual. Alguns dias após sua chegada, quando o apelido de Homem Obscuro ainda circulava, apenas, entre os técnicos de baixo escalão, ele me procurou, durante um de meus períodos de folga.

Dunkelhügel se dirigiu a mim em um português perfeito, não em francês, a língua oficial do consórcio, e nem naquela mistura bastarda de inglês e espanhol que constitui a “língua franca” da estação.

— Você é brasileiro — ele disse.

— Sim — respondi, um pouco surpreso. — Esse dado consta de minha ficha, *monsieur* Dunkel...

— Nada de “monsieur”, por fa-

vor — ele disse, sorrindo; e hoje imagino se já não haveria uma semente de escárnio naquele primeiro sorriso, que à época me pareceu tão amigável. — O fato é que tenho alguns interesses que... Mas você aceita um café?

Fiz que sim com a cabeça, e ambos nos pusemos a caminhar em direção ao restaurante. A temperatura dentro da estação é mantida em um nível que europeus e chilenos considerariam “ameno”, mas que, para um brasileiro nascido no Rio, como eu, mostra-se desconfortavelmente frio. Portanto, jamais recuso uma bebida quente.

Junto ao balcão do restaurante-lanchonete da estação, o Homem Obscuro me explicou seu interesse, seu “hobby”: heráldica.

Aquilo me surpreendeu um pouco. Não pelo tema em si, já que o Renascimento Europeu de 2027 havia colocado muitas tradições e formas de arte do Velho Mundo novamente em evidência, mas pelo fato dele querer discutir o assunto comigo. Afinal, o que *eu* entendia de heráldica?

— Já há algum tempo, minhas atenções vêm se desviando dos escudos e símbolos familiares para símbolos nacionais — ele explicou. — Assim como há uma heráldica medieval, das velhas famílias, também existe uma heráldica das nações, que aparece em bandeiras, selos, moedas. E, nesse aspecto, a bandeira brasileira...

— Ah, sim! — eu disse, rindo um pouco. — “Ordem e progresso”, não é mesmo?

A expressão no rosto de Dunkelhügel me mostrou que eu o deixara intrigado. Expliquei:

— A bandeira brasileira é a única, das nações ocidentais, a conter um lema, uma frase. Já ouvi, em algum lugar, que se trata de um grave erro heráldico.

— Oh! — ele também riu, ainda que só para me acompanhar. — Certo, certo. Mas há outros aspectos, mais interessantes, ainda que mais obscuros. Símbolos místicos.

— Verdade?

— Com certeza! Claro, todos conhecem a pirâmide onividente do dinheiro americano... Este é, talvez, o caso clássico de fusão entre símbolos nacionais e hierogramas iniciáticos. Já a bandeira brasileira... Você conhece o símbolo da maçonaria?

— Um compasso e um esquadro, não é?

— Sim. Mas como estão posicionados?

— Ora... assim! — E, para mostrar ao que me referia, fiz um “v” com os dedos médio e indicador da mão esquerda, outro com os dedos correspondentes da mão direita, e então encostei um indicador no outro, um dedo médio no outro.

— E que figura é essa?

— Um losango, ora.

— O losango maçônico representa o Grande Arquiteto do Universo, uma metáfora, segundo alguns intérpretes de pouca imaginação, para Deus. É verdade que o compasso e o esquadro formam uma figura mais alta do que larga, enquanto que o losango brasileiro é o contrário disso. Essa discrepância quase me enganou. Mas então eu me concentrei nas cores: um losango *amarelo*...

— O que tem o amarelo?

— O amarelo representa ouro!

— Foi o que aprendi nas aulas de Moral e Cívica — respondi, sorrindo.

— Não, não *o metal!* Mas o ouro dos alquimistas, o ouro que seria obtido através da purificação do “chumbo”, isto é, da natureza humana: o ouro da alma, a plenitude de espírito humano. Epifania. Imortalidade.

V. O Mergulho

Eu sabia que os maçons haviam desempenhado um papel importante no processo de independência do Brasil, e que os dois imperadores do século XIX haviam sido membros da Ordem; mas isto, qualquer criança sabe. Eu também tinha a noção de que o losango amarelo havia sido introduzido logo na primeira bandeira imperial, sendo mantido depois, com a chegada da República. Dessa forma,

as suposições de Dunkelhügel até que pareciam fazer sentido, ao menos dentro de meu limitado conhecimento histórico — e, admito, de meu completo desconhecimento do ocultismo.

Até então eu jamais havia levado o conceito de nação, ou de identidade nacional, muito a sério. Meus escritores preferidos eram ingleses, minhas músicas, alemãs; em termos de cozinha, eu não trocava a japonesa por nenhuma outra. E, não, não jogo futebol. Em resumo, para mim “país” era apenas um obstáculo com o qual eu tinha de lidar para ir do Rio a Sidney, ou Bruxelas. A conversa com Dunkelhügel não me despertou nada além de uma certa dose de interesse acadêmico, portanto. E creio que já estava em vias de esquecê-la por completo, ou pelo menos de relegá-la às camadas de memória mais volátil, quando tive a primeira visão.

Não foi um sonho. Foi uma visão, algo que aconteceu quando estava acordado. Acordado e sozinho: era meu turno na batisfera.

Pérez, o engenheiro argentino, diz que chamar o VESGP-B (Veículo de Exploração Submarina de Grande Profundidade - Biociências) de “batisfera” é como chamar um Royce-VW 3001, movido a células de hidrogênio e captação solar, de “carro”. Mas o modelo 3001 da Royce-VW ainda tem quatro rodas. Por isso, para mim, ele ainda é um “carro”. Da mesma forma, o VESGP-B é redondo e desce da plataforma preso a um cabo. Portanto, é uma batisfera, mesmo sem ter um buraco no fundo. Certo? Ao menos, metaforicamente.

Mas estou desviando do assunto.

Toda a equipe científica da estação faz turnos de três horas semanais na batisfera. Eu já havia coberto turnos para outros colegas, uma vez que nem todos se dão muito bem com a necessidade de respirar o gel eletrostático. Eu mesmo tive convulsões dos músculos das costas uma vez, mas foi só.

Aquele turno, no entanto, era de fato o meu. Como de costume, fui para a câmara isolada, fiquei nu e tomei o banho desinfetante. A câmara é bem

aquecida, o que faz do banho preparatório uma experiência bem menos desagradável que os banhos diários em nossos alojamentos.

Então soltei todo o ar dos pulmões (na verdade, há sempre uma reserva residual; mas imagino que ela não atrapalhe a assimilação do gel) e, com o peito ardendo, abri a escotilha no piso da câmara, mergulhando em seguida no útero do VESGP-B.

O interior da batisfera lembra uma câmara de privação sensorial, do tipo usado nos asilos psiquiátricos, e creio que o gel — respirável e mantido à temperatura constante de 37 graus — seja também o mesmo, ao menos em princípio. Mas o gel do VESGP-B é *eletrostático*; ele reage às informações vindas dos sensores externos da esfera. Dessa forma, as partículas que compõem a substância se reorganizam, reproduzindo as cores e texturas do ambiente externo. Estar na batisfera é, para todos os efeitos, como estar dentro de uma esfera de cristal... não. Na verdade, é até melhor: pois o gel também capta os movimentos de meus braços, pernas e cabeça, e esses movimentos são reproduzidos, em escala, pela rotação das luzes externas e pelas pinças mecânicas do VESGP-B.

Assim, se eu esticar a mão para tocar em um “fóssil” virtual feito de gel coagulado, a manopla da batisfera fará o mesmo com o fóssil verdadeiro; e as impressões sensoriais captadas por bilhões de nanoagulhas de cerâmica e diamante serão repassadas às pontas de meus dedos.

A maioria das pessoas não gosta de olhar para baixo quando está na batisfera. Isso é compreensível, já que o efeito de perspectiva produzido pelas propriedades óticas do gel é terrivelmente acurado; e é muito fácil para alguém ter vertigens ao olhar diretamente nas profundezas de uma fossa tectônica submarina.

Não é o meu caso; sempre gostei de vislumbrar o abismo. Por isso é difícil explicar o que causou a visão. Mesmo que tenha sido vertigem... quem já ouviu falar de vertigens causando delírios tão *complexos*, tão de-

talhados como os meus?

VI. Visão do passado

Naquela viagem, o gel eletrostático não me mostrou cavernas submarinas, fósseis, peixes cegos ou moluscos fosforescentes. Nenhuma das visões usuais. *Naquela* viagem, o ambiente ao meu redor se transformou, subitamente, em... uma biblioteca.

Esta foi a primeira visão; nela, ainda não havia o menor sinal da tragédia futura. E talvez esta tenha sido uma visão *autêntica*, um aviso sincero, e não uma das manipulações de Dunkelhügel. Talvez emanações do próprio fosso tenham despertado memórias ocultas em mim, lembranças de uma outra vida, pensamentos gravados nos genes, diluídos pelo sangue. Quem sabe?

O espaço era uma biblioteca. Enorme. As paredes, recobertas de livros, erguiam-se, ao meu redor, a uma altura invisível, indeterminada. Possivelmente, ao infinito. As estantes e prateleiras eram de uma madeira quase púrpura, que brilhava, refletindo a luz amarelada de velas e cristais (*havia* um candelabro, em algum lugar, mesmo que eu não pudesse vê-lo). As encadernações eram de ouro, prata, ferro, couro, madeira, tecido. Havia livros negros, brancos, amarelos, vermelhos. A biblioteca era um caleidoscópio.

Ao centro, uma mesa. Sobre a mesa, um mapa. Estudando o mapa, quatro homens.*

Havia algo de curioso em tais homens. Seus trajes... eles vestiam casacas longas, com lenços de seda nos punhos, e cada um deles usava uma espécie de laço no pescoço, como algumas pessoas ainda usam gravatas. Era como uma ilustração da França napoleônica, mas havia uma diferença... algo que me tocou, a princípio, como uma nota perturbadora: aqueles eram, com certeza, homens abastados — eles tinham a *postura* de pessoas ricas — mas não havia *adornos* em seus trajes. Nenhum botão prateado, nenhuma filigrana doura-

da ao longo dos punhos ou lapelas, nenhuma fivela nos sapatos. Nenhum destes homens usava anéis ou medalhas.

Era como se houvesse um acordo, um entendimento tácito, para que todo o esplendor da sala fosse concentrado nos livros; como se apenas aos textos fosse permitida a vaidade de ostentar ouro, prata e jóias.

Por alguma razão, o conceito me agradou.

Os homens conversavam, debruçados sobre o mapa. Eles estavam perto de mim, ao menos visualmente, mas suas palavras pareciam vir de muito longe, e através de algum tipo de túnel, ou caverna... Eu não ouvia a fala em si, mas apenas um eco distante. Mais do que captar exatamente cada palavra eu, de alguma forma, me vi apreendendo o significado geral de cada frase. São esses significados, *abstratos*, que tento traduzir aqui, sob a forma de linhas de diálogo:

— Eles comemoram a “liberdade”. “Independência”! Se soubessem... Se o príncipe soubesse... — disse o primeiro a falar.

— Saber é o *nosso* fardo. O príncipe, que em breve se fará coroar imperador, não precisa deste conhecimento. E ele nos deu carta branca para cuidar do símbolo, e o fez porque confia em nós — respondeu o segundo.

— Esta terra será importante, muito importante, quando os selos caírem. — Observou o terceiro. — Por isso temos que trabalhar; por isso atraímos o jovem Pedro ao círculo exotérico da Ordem. Ele nos pediu armas místicas e símbolos, e é isso que lhe daremos. Mas para uma batalha muito mais *violenta* do que qualquer coisa ao alcance da mente diminuta de nosso novo herói nacional, ou de sua família portuguesa. Quanto tempo até o lacre deixado pelos Mestres Primordiais ruir?

— Duzentos, trezentos anos, no máximo — respondeu o quarto. — As estátuas cegas do Pacífico não são mais confiáveis. Uma vez destruídas... Não haverá nada para manter a Consciência adormecida.

Mas o novo selo deverá impedir que Ela estabeleça contato com outros gânglios livres, como o que repousa entre os anéis de Saturno. Porque, se conseguirem contato...

“Estátuas cegas”? Alguma coisa, talvez uma manifestação sutil do estranho efeito de *apreensão de significado* a que me referi, pôs em minha mente uma imagem das gigantescas cabeças, *sem olhos*, que adornavam o litoral da Ilha de Páscoa, antes do grande terremoto.

Eu era como um fantasma, flutuando diretamente sobre a mesa. Nenhum deles dava sinais de ter notado minha presença, mas mesmo assim foi com grande cuidado que girei e movi o que percebia como meu corpo etéreo, para me aproximar.

O mapa, com um sistema de coordenadas zerado em algum ponto da Antártida, havia sido riscado sobre pergaminho. Parecia conter uma vista aérea de todo o planeta.

O anacronismo daquilo me surpreendeu. Até praticamente meados do XIX, a existência de terras ao sul da Austrália era pouco mais que uma conjectura, uma teoria, um conto-defadas. Se a reunião a que eu assistia tivesse realmente ocorrido durante o processo de Independência, como...?

Nesse instante me lembrei da batisfera, da *Allende*, da pesquisa, do gel em que meu corpo, nu, deveria estar imerso. Foi como um daqueles momentos em que o sonhador acorda primeiro na mente, para só depois — uma mera *fração de segundo* depois — sentir a plenitude do despertar físico. Só que eu, por alguma razão, eu estava preso no vácuo entre os dois estados. O corpo etéreo flutuava com elegância pela biblioteca, mas no fundo da mente eu sabia que, na batisfera, meu corpo físico mantinha-se imóvel.

Talvez alguém, no centro de controle, estivesse brincando com as especificações do gel. Em vez de reagir aos estímulos do ambiente externo, a substância poderia estar sendo moldado por algum outro tipo de programa. Um filme, um jogo. Um vídeo.

Pensei nas câmaras de privação sensorial usadas nos manicômios, e

tremi. Era terrivelmente *errado* manipular os sentidos de alguém dessa forma. Era...

A onda de indignação foi rapidamente contida e sufocada pela curiosidade, no instante em que o quarto homem disse:

— A *simbolo* está pronto?

— Quase. O príncipe provavelmente vai querer incluir seu brasão pessoal. — Enquanto falava, o segundo homem retirou um pacote de tecido do bolso do casaco, e se pôs a desdobrá-lo sobre a mesa, cobrindo o mapa. — Mas não creio que ele decida interferir com o padrão do selo. Sua Alteza nos deu carta branca, lembrem-se.

— Ótimo — disse o terceiro homem. — Ficou perfeito.

Na mesa agora havia um retângulo de pano verde, com um losango amarelo fixado ao centro.

VII. Impasse

Olhando para as paredes espelhadas da sala de reaclimação, vi que minha pele estava pálida, as covas e depressões do rosto mais pronunciadas, os olhos mais injetados que o normal. Mas esses eram sintomas comuns nos minutos, às vezes até nas horas que se seguem a um mergulho na batisfera. Mesmo que meu organismo tivesse sempre sido resistente aos efeitos negativos do gel, cedo ou tarde a “síndrome”, como ra chamada, teria que me pegar.

Foi o que o médico disse.

Depois veio a avaliação dos resultados do mergulho, na sala de monitoramento. Perguntei a Pérez, da forma maias discreta possível, se teria havido algum tipo de realimentação dos sensores ligados ao gel, e ele respondeu que não.

— Os instrumentos não acusaram nada — disse o argentino. Depois, rindo, acrescentou: — Ora bolas, *você* nem reclamou de nada!

Ativei meu bloco digital, e encontrei ali uma transcrição completa do mergulho, com todos os dados, imagens... e todas as *minhas palavras*, em texto e áudio: apenas os comentários científicos normais. Nada sobre

bibliotecas, mapas ou bandeiras.

Corpo etéreo?, pensei. *Corpo físico?*

— Mas, agora o senhor deseja comunicar algum problema, doutor? — quem perguntava era Dunkelhügel. É estranho, mas até então eu não havia notado sua presença na sala. — Temos que garantir que todo nosso equipamento e pessoal esteja nas melhores condições possíveis. — No meio da palavra “condições” o canto da boca de Dunkelhügel se moveu numa espécie de tique, um esgar... um sorriso desagradável. — Principalmente com tantas decisões importantes nos aguardando.

Em condições normais, eu teria relatado, abertamente, minha suposta “viagem astral”. Talvez algo na composição do gel estivesse induzindo alucinações, e esse dado seria importante para a manutenção do equipamento. Mas o estranho sorriso de Dunkelhügel me fez refrear essa tendência natural.

Em vez disso, armei eu mesmo um meio-sorriso e, tentando fazê-lo parecer o mais autêntico possível, articulei dois ou três inócuos lugares-comuns. Rapidamente mudamos de assunto.

Depois de meia-hora, a reunião foi encerrada.

Oficialmente, à reunião após o turno de três horas na batisfera seguem-se doze “créditos”, ou horas livres, para o cientista que fez o mergulho. A maior parte da equipe, no entanto, prefere usar essas horas de folga para aquilo que nos habituamos a chamar de “trabalho informal” — organização de correspondência, indexação de literatura especializada e outras atividades que, no fim, são como a argamassa que mantém os rígidos blocos de “trabalho formal” firmes no lugar.

Foi o que tentei fazer: retornei ao alojamento e tratei de abrir a seção “miscelânea” de meu bloco de notas digital. É para essa pasta que minha secretária virtual encaminha todo o material que extrapola sua não pequena competência.

Normalmente, o diretório “misc.”

contém apenas e-mails pessoais, e dados ainda muito crus para serem incorporados a relatórios oficiais. A secretária virtual é perfeitamente capaz de responder ou processar quase todo o resto. Desta vez, no entanto, o diretório continha uma mensagem direta do ministério da Ciência e Tecnologia.

As comunicações do ministério geralmente tratam de assuntos rotineiros ou contêm solicitações burocráticas, o tipo de coisa que a secretária resolve em poucas frações de segundo. Aquela seria a primeira mensagem ministerial, em anos, que conseguia passar pelos filtros de relevância do bloco de notas e chegar à minha atenção pessoal.

O texto era simples: ele informava que a comissão internacional encarregada de definir os padrões técnicos do equipamento a ser levado pelos astronautas a Europa havia chegado a uma espécie de impasse na hora de optar por um modelo específico de filtro biológico. O impasse era agravado pelas pressões dos chamados grupos organizados Pró-Terra — que defendiam o total isolamento ecológico do planeta. Além de reunir uma razoável representação política em certas esferas, alguns Pró-Terra eram suspeitos de sabotagem e terrorismo. A situação, tanto no continente europeu quanto na região amazônica da América do Sul, ainda não era explosiva, mas era claro que a tensão vinha se acumulando. Por isso, as nações acionistas do Consórcio haviam determinado que uma consulta a especialistas internacionais em biologia e astrobiologia deveria ser feita. Eu seria um desses especialistas.

O arquivo com as especificações de cada um dos tipos de filtro encontrava-se em anexo.

Por alguns instantes, fiquei olhando para a tela do bloco de notas sem saber exatamente o que pensar daquilo. De certa forma, o convite para opinar sobre o assunto era uma honra inesperada; mas essa honra representava uma tarefa extra, que iria roubar tempo de meus deveres usuais na *Allende*. Mas tanto a plataforma

quanto a missão a Europa eram patrocinadas pelo Consórcio; era de se esperar que o risco de perda de desempenho nas pesquisas de campo tivesse sido levado em conta pelos burocratas.

O ideal, concluí, seria que eu abrisse o arquivo anexo e começasse a estudar os filtros naquele mesmo instante. Mas minhas pálpebras estavam pesadas, e eu já sentia o embotamento mental típico de uma longa privação de sono. O que era estranho, pois eu havia dormido bem na noite anterior. Talvez, imaginei, meu corpo estivesse tentando absorver o desgaste causado pela... bem, por aquela... *ocorrência* na batisfera.

Não vamos fazer nada correndo, pensei. É melhor cuidar disso com a cabeça descansada.

VIII. Visão do futuro

Eu esperava um sono tranqüilo e restaurador. Não poderia estar mais errado.

O início pareceu, até, auspicioso: mal fechei os olhos e já estava mergulhado no abismo negro da inconsciência. Um sono sem sonhos, sim, seria o ideal: nenhuma luz, nenhum som, apenas *repouso*. Mas esse estado de coisas não durou muito.

Primeiro surgiu uma luz violeta, uma quase não-luz, mas que, de tão intensa, quase queimou meu olho onírico; depois o som, um estrondo que fez vibrar cada fibra do meu corpo, que “ouvi” por meio de ossos, dentes e entranhas, enquanto os tímpanos, exauridos, sangravam.

De alguma forma, eu *sabia* que estava sonhando. Que os danos a meu corpo não eram reais, mas apenas metáforas criadas pela mente para abarcar a... *intensidade* do que acontecia ao redor.

Intensidade. Sim, essa era a palavra. Era *intenso* o cheiro de carne queimada, de asfalto derretido. Era intenso o toque, em minha pele, do vento quente, áspero, denso e sujo com nuvens de metal, pedra e osso vaporizados.

Intensa era a destruição: prédios

que, de alguma forma vaga, eu sabia terem sido construídos com algumas dezenas de andares, agora não passavam de cabos e estacas retorcidas, projetando-se meros centímetros, no máximo um metro, acima do solo.

A estátua do Cristo perdera cabeça e um braço. O que antes havia sido uma representação do Redentor agora parecia pouco mais que uma grotesca serpente angulosa.

As águas da baía ardiam em chamas imundas, que produziam mais fumaça que luz; uma fumaça quente, ácida, que causava ardor nos olhos, e um lacrimejar quente, profundo, intenso.

Intensa, também, era a violência das tropas.

Não era difícil ver os soldados, em armaduras do mesmo tom obscuro de violeta, do mesmo tipo de antiluz que permeava o clarão inicial. Mas os traques de combate não eram estranhos apenas na cor (ou não-cor). Havia algo de errado com o metal, ou polímero, de que eram feitos: a substância refletia a luz natural de forma viscosa, não sólida; e parecia haver algo de úmido no som das inúmeras, incontáveis articulações que se ativavam a cada movimento... não o tipo de som que se poderia esperar de um sistema hidráulico, ou de um exaustor de lubrificante, não. Era alguma outra coisa, que minha mente tentava traduzir como *umidade*.

Suas armas não emitiam energia, nem projéteis, mas *jatos* de uma substância colóide, translúcida, que refratava a luz do sol em frequências e cores que nada tinham a ver com o espectro visível. Esses jatos podiam fazer explodir, cristalizar ou dissolver o alvo; se esses efeitos diferentes eram causados por algum tipo de ajuste no ato do disparo, não pude notar. Por um momento, imaginei que os colóides estivessem vivos, e de alguma forma soubessem qual a melhor abordagem para cada vítima.

Essas tropas provavelmente tinham ordens de executar toda a população civil. Os soldados reviravam escombros, vasculhavam túneis e porões, escalavam os poucos prédios,

não mais que esqueletos nus, penetravam no que restara da floresta, onde algo semelhante a um matagal crescia em formas retorcidas, numa exuberância apocalíptica, mutante.

E cada vez que alguém era encontrado, quase sempre crianças ou jovens vivendo como animais, incapazes de falar, com uma ou mais feridas abertas nos braços e pés inchados, a arma colóide era ativada. E em cada uma dessas vezes o *resultado* do ataque era diferente. *Sim*, concluí, com o distanciamento emocional comum a certos tipos de sonho, onde o sonhador testemunha horrores como quem vê as nuvens a mudar de forma no azul do céu. *Sim, a substância da arma está viva. Viva e, provavelmente, curiosa*. Em todas as execuções, o colóide emitia sempre o mesmo som; era como uma sucessão de estalos secos, como água caindo sobre uma chapa quente. O ruído pode ser transliterado em uma seqüência de sílabas simples, assim: *te-ke-li-li*.

Mas nem sempre esses estranhos guerreiros em armadura levavam a melhor. Haveria talvez algumas centenas de civis sobreviventes, e os soldados trabalhavam, diligentes, na tarefa de reduzir o número a poucas dezenas, depois talvez a zero — e era inevitável que obtivessem sucesso. Mas, se a guerra estava ganha pelo opressor, em algumas escaramuças menores a população ainda conseguia extrair um pequeno gosto de vingança.

Em meu sonho, vi isso acontecer uma única vez; e foi o choque da revelação que se seguiu que quebrou o estranho torpor emocional que me envolvia, fazendo minha mente recuar, aterrorizada, de volta à superfície, à consciência e à sanidade. Mas, me adianto.

O soldado estava escalando um esqueleto de edifício, tentando alcançar uma jovem — não teria mais que dezesseis anos — que se escondia no topo da estrutura. O jato colóide provavelmente teria alcance suficiente para atingir a garota, mas ela era esparta, movendo-se de forma a manter, sempre, algum obstáculo entre si

mesma e a arma que se projetava do antebraço esquerdo do guerreiro.

A estrutura toda teria, no máximo, três andares. Não se tratava, como pude observar, dos restos de um único edifício, mas de alguma espécie de abrigo recente, construído com detritos catados pela cidade. As placas de polímero não estavam aderidas, mas *amarradas*; havia, mesmo, vigas e plataformas de ferro e concreto, vindas de construções bem antigas.

Como alguém teria conseguido juntar todo o material, e ferramentas, sem ser incomodado pelos invasores? Como alguém teria conseguido realizar o *trabalho*, sem dúvida hercúleo, de erguer *aquilo*, sem ser morto?

Havia fragmentos de algum tipo espalhados pelo chão. Eram como diminutas peças de um quebra-cabeça e, fazendo um exercício mental para tentar adivinhar qual seria a figura completa, concluí que os fragmentos não compunham um único objeto, mas inúmeros; e que todos esses dispositivos seriam idênticos entre si: pequenos diamantes amarelos.

O guerreiro em armadura mal teria chegado ao segundo “andar” da estrutura quando algo — a princípio imaginei que fosse uma espécie de asa delta, mas depois vi que se tratava de uma enorme, ainda que precária, *pipa* amarela — projetou-se a partir do topo do abrigo. Imagino que o brinquedo estivesse ligado a alguma das amarras que mantinham o esqueleto estático, pois assim que o vento soprou com maior força, toda a estrutura começou a tremer.

O soldado gritou algo — pareceu-me uma versão mais gutural do refrão *te-ke-li-li* — e, no instante seguinte, toda a estrutura veio abaixo. Tanto o guerreiro quanto a jovem também despencaram; e pude ver que a jovem caía girando o corpo, deliberadamente, para atingir o calcamento despedaçado *com a cabeça*.

Ela queria morrer, mas morrer revidando.

O guerreiro, que tinha ainda um andar para subir, foi parcialmente soterrado pelos escombros. Uma viga varou seu ombro direito, prendendo-

o ao chão como um alfinete prenderia uma borboleta num mostruário.

Passaram-se dois, três minutos. Nenhum movimento. Aproximei-me, relutante — ou, minha consciência onírica trouxe a imagem para mais perto de mim.

Estendendo braços invisíveis, toquei o elmo da armadura. Tentei removê-lo. E ele saiu, devagar, emitindo sons e produzindo texturas que me faziam pensar mais na concha de um molusco que no capacete de um soldado. A peça estava presa à cabeça do guerreiro por uma série de filamentos brancos, leitosos, e que, apesar da cor, cheiravam como fibras de carne crua.

A cabeça que aquela... *casca*... protegia era alienígena.

Como descrevê-la? Um cilindro irregular, formado por um aglomerado, talvez uma dezena, de *gomos*, ou *bulbos*, de contorno vagamente triangular. A cor era um verde doentio, leitoso, esbranquiçado. No centro aproximado de cada bulbo, havia uma espécie de filamento rijo, ou espinho. E foi ao estudar mais detidamente um desses espinhos que senti meu ego onírico ser dilacerado, não, *destroçado* por uma onda de choque, horror e repulsa.

Porque, na base de cada um deles, na *raiz* de onde partiam os filamentos, havia uma minúscula estrutura vestigial. Algo pequeno, pouco mais que um ponto, mas que ainda mantinha as características de textura, e cor e, Deus, movimento — as características, eu digo, de um *olho humano*.

IX. A Consciência

Acordei banhado em suor. Meus cabelos, encharcados, grudavam no crânio, no rosto. Eu devia estar suando profusamente, e há horas. Uma gota caiu sobre meus lábios e senti o gosto salgado.

O sangue humano tem a mesma concentração salina da água do mar. O pensamento, inútil, cruzou minha mente, vindo não sei de onde. Sobre a escrivaninha, meu bloco de notas piscava, informando a chegada de mais uma mensagem que exigia res-

posta pessoal.

Era de Howard Mason, um americano, líder-assistente da equipe de pesquisa ecológica. Ele queria conversar comigo. Respondi dizendo que iria encontrá-lo numa das salas de reunião dentro de quarenta minutos.

Ele provavelmente queria iniciar mais uma rodada de discussões sobre sua teoria do Grande Animal Pré-Cambriano. Mason era um defensor ardoroso do modelo “pacífico” para a ecologia do período — modelo segundo o qual não havia presas e predadores na Era Pré-Cambriana, e todas as relações entre-espécies aconteceriam de forma pacífica (daí o nome), como, por exemplo, entre flores e abelhas. Mas Mason queria levar esse modelo ainda mais longe: para ele, a Terra teria sido habitada por *um único ser*... Um ser do qual todos os arqueanos já descobertos seriam, na verdade, meros órgãos e células.

Minha primeira reação à idéia, quando Mason a descreveu para mim, meses atrás, foi considerá-la uma bela metáfora. Mas o americano negou que se tratasse de uma figura de linguagem, como a utilizada na chamada hipótese Gaia, sobre a ecologia contemporânea. Para ele, o Grande Animal era, ou havia sido, *verdadeiro*. A partir daquele dia, tornou-se fato comum passarmos horas a fio debatendo o tema, eu levantando objeções, Mason procurando rebatê-las o melhor possível. A coisa toda não passava de um verdadeiro beco sem saída epistemológico, e ambos sabíamos disso, uma vez que seria praticamente impossível reunir dados capazes de demonstrar que Mason estivesse certo, ou errado, acima de qualquer dúvida.

Mas, mesmo assim, discutíamos. O duelo verbal ajudava a manter nossas mentes afiadas.

Não eram novos argumentos para o debate que ocupavam meus pensamentos, no entanto. Quarenta minutos depois, mesmo enquanto eu caminhava na direção da sala de reuniões, a única imagem em meu cérebro era a daqueles *olhos* — tão humanos,

mesmo reduzidos, mesmo com a córnea, quitinosa, afunilando-se e distendendo-se sob a forma de espinhos.

Havia *algo* naqueles olhos... uma qualidade do brilho, algo que meu ego onírico percebeu pouco antes do último estertor reduzir o guerreiro a um corpo sem vida. O brilho! Era uma luz distante, fria, impessoal; se os olhos são as janelas da alma, pensei, então a alma daquele... daquela... *pessoa*... já estava muito longe, antes mesmo que a morte chegasse.

Que palavra os homens do século XIX haviam usado durante meu delírio na batisfera? *Consciência*? Sim, talvez o soldado tivesse sido guiado por uma consciência distante; uma força imperiosa e, ainda assim, ausente.

E o selo de que aqueles homens tanto falavam... A *bandeira* era o selo, com seu losango amarelo — como a pipa gigante do sonho. O que Dunkelhügel havia dito, mesmo? Um símbolo de plenitude do espírito?

Do espírito *humano*.

X. A Morte

Howard Mason estava morto.

Eu realmente gostaria de poder dizer que as luzes da sala de reuniões estavam apagadas; que só descobri o corpo depois de muito procurar por meu colega; que a descoberta do fato trágico se deu aos poucos, através de uma série de pequenos indícios.

Se tivesse sido dessa forma, o choque, ao menos para mim, teria sido muito menor.

Mas não foi o que aconteceu.

Abri a porta da sala de reuniões e a luz, mais forte que a quase-penumbra do corredor, literalmente transbordou em minha direção. Com ela veio a imagem do cientista americano, um homem magro, loiro, não muito alto — e a visão do sangue.

Mason estava virado de frente para a porta, sentado em uma cadeira. O ângulo oblíquo da cadeira, apoiada de encontro à grande mesa central, mantinha o corpo ereto. Partes do rosto, todo o pescoço e o peito do

americano estavam sujos de sangue. Havia uma mancha, quase um semicírculo, de líquido vermelho ao redor do cadáver. A mancha ia longe: um metro, talvez um pouco mais.

Por quase um minuto, achei que iria vomitar. Mas a erupção simplesmente não vinha; era como se um novelo de arame farpado ficasse subindo e descendo, na garganta, no peito, no estômago. Achei que eu também iria morrer ali, sufocado, *engasgado* pelo medo.

Então, controlando-me, voltei ao corredor e ativei um dos painéis de emergência médica.

Os paramédicos encontraram no chão, abaixo da mão esquerda de Mason, uma navalha aberta. Navalhas de barbear eram outro daqueles anacronismos que, desde o Renascimento Europeu, vinham ganhando ares de coisa elegante. A ferida no pescoço, uma segunda boca escancarada, conferia: mais profunda no lado direito, quase superficial na extremidade esquerda. A hipótese de suicídio foi rapidamente levantada e aceita, embora não pudesse ser confirmada.

E ela não podia ser confirmada por uma razão muito peculiar: as câmeras do circuito interno de vigilância, instaladas dentro da sala de reuniões, haviam parado de funcionar pouco antes do momento em que, conforme um dos médicos estipulou, teria ocorrido a morte.

Os últimos minutos de gravação mostravam Dunkelhügel entrando na sala. Ele e Mason conversaram sobre alguma coisa. O defeito da câmera deve ter se iniciado aí, já que o equipamento falhou em registrar o áudio. A imagem final mostra o Homem Obscuro encaminhando-se para a saída.

Pierre Dunkelhügel não poderia ser obrigado a fornecer qualquer tipo de explicação. Pelo menos, não por qualquer um de nós, a bordo da *Salvador Allende*. Como observador especial, ele estava sob autoridade direta dos acionistas em Zurique, ou do Conselho Político belga. Mas, embora tenha realmente evitado fazer declarações públicas, o Homem Obscu-

ro acabou falando sobre, em particular, o assunto.

Falando *comigo*.

Estávamos no “funeral” de Mason — na verdade, o embarque do corpo para os EUA. Eu e mais alguns dos cientistas que trabalhavam com o americano havíamos nos perfilado ao longo da rota de transporte de carga perecível, por onde o caixão com o corpo teria que passar. Dunkelhügel se aproximou de mim, vindo por trás, e sussurrou em meu ouvido:

— Não imaginei que ele reagiria assim.

— Reagiria a quê? — perguntei, sem me virar e tentando manter o volume da voz o mais baixo possível.

— Nossa conversa... Fui demitido. Uma pena que ele tenha decidido reagir assim.

— Demiti-lo?

— Zurique não queria mais bancar a pesquisa do “Grande Animal Pré-Cambriano”. Não depois do último relatório que *você* enviou sobre o assunto. Por isso, mandaram-me demiti-lo. Uma pena.

Senti como se meu coração fosse congelado em meio a um batimento ainda incompleto. O mais chocante era a *frieza* com que Dunkelhügel dizia aquilo — com que ele não só confessava ter levado Mason ao suicídio, como ainda implicava o *meu* trabalho na morte do colega. Estávamos perfilados numa última homenagem ao pobre Howard Mason, e o Homem Obscuro sussurrava sua confissão aberta e acusação velada como quem narra os lances pouco inspirados de uma tediosa partida de xadrez.

— No final, acho que ele não estava preparado, lúcido o suficiente para tomar a decisão correta. Muito estresse. Uma pena.

Meu coração completou seu batimento suspenso no momento em que ouvi um som de passos abafados, sinal de que o Homem Obscuro afastava-se. Tinham se passado poucos instantes, mas para mim era como se o sol voltasse a nascer, como se eu tivesse passado uma noite inteira no frio e em claro. Era como se, entre a chegada e a partida de Dunkelhügel,

a Terra tivesse executado uma volta completa sobre seu eixo.

XI. Névoa púrpura

Não me senti em condições de retomar o trabalho naquele dia — minha folga pós-mergulho já havia terminado, e eu deveria me reapresentar ao laboratório. Decidi ignorar as regras, no entanto, e retornar ao alojamento.

Mas, assim que cruzei a porta que deveria dar acesso a meu quarto, me vi transportado para outro tempo. Outro lugar.

Esses novos tempo e lugar não eram desconhecidos; não eram sequer novos, ao menos não no sentido estrito da palavra. Eu estava de volta à grande biblioteca de minha primeira visão.

Só que desta vez era diferente. Porque, desta vez, eu estava lá *fisicamente*.

A biblioteca, também, parecia ter mudado. As jóias e metais nas capas dos livros emitiam uma luz mais fraca, mais fosca; a madeira das estantes havia perdido o brilho, e havia rachaduras visíveis. No lugar da grande mesa de mapas, o centro da sala era ocupado por uma espécie de pira, ou tripode, da onde emanava um fumo espesso, de cor púrpura. Atrás da tripode havia um homem.

— É arriscado usar este incenso, mas não pareceu haver alternativa — disse o estranho, dirigindo-se a mim.

Fitei-o atentamente, estreitando os olhos para tentar ver através da fumaça. Era um homem idoso, de cabeça calva e barbas brancas. Talvez fosse uma versão envelhecida de um daqueles que eu havia visto antes, durante o delírio na batisfera. Mas era impossível dizer com certeza.

— Quinze anos atrás, senti sua presença neste aposento — ele continuou. — Talvez os outros tenham sentido, também. Agora, homem do futuro, *brasileiro*, é preciso que você compreenda. Compreenda o que deve fazer. Em sua época... a humanidade dispõe-se a caminhar por todos os outros seis planetas, estou correto? A caminhar sobre cada um deles, e a tra-

zer objetos, corpos, amostras de volta. Não é?

— Sim — respondi.

— Então... bem, então o selo deve acompanhá-la, sempre. Deve ir em cada nau. Na ida e na volta. É imperativo. Compreende? *Imperativo!* Se a Consciência entrar em contato consigo mesma... Nada mais será como era. É incrível, mas é verdade: passadas tantas eras, mesmo a morte, a morte primordial, poderá perecer. Inadmissível!

— Que Consciência é essa? — perguntei. — Do que vocês falavam aqui, há quinze anos? Que selo é esse?

— *Ubbo-Sathla!* — ele gritou, exasperado, e a vibração quase partiu o véu púrpura de incenso queimado. Por alguma razão, tive medo de que os fumos se dissipassem. — Assim o chamavam na antiga Hiperbórea, na primeira civilização, que surgiu e desapareceu na aurora do tempo, antes mesmo que o Ártico congelasse. Nós o chamamos de A Consciência. Que importam os nomes? Essencial é o conceito... E isso, nenhum homem pode compreender ou explicar... Não por completo.

— Tente — pedi.

— Nós vivemos, como vermes, no corpo *dele*. Como vermes! Alimentamo-nos de seu cadáver. Nossa prole surge da decomposição de sua carne. Ele é enorme; existe em mais dimensões do que jamais poderíamos conceber. Nossas *almas* são meras lascas de seus *ossos*. Entende? Oh, claro que não! Ymir, o gigante cujo sangue deu origem aos oceanos, é apenas uma pobre metáfora para *ele!*

Meu interlocutor respirou fundo, e detectei o som peculiar, o chiado em seu peito. Tuberculose?

— Como disse, ele é *enorme*. — Continuou. — Seu corpo toca esta dimensão em todos os sete planetas, talvez também no sol, talvez em cada *lua*. E ele permanece morto porque, graças aos Antigos, as partes não se tocam mais através do Abismo. Mas, se houver contato... é como diz a Profecia: *com o passar das eras, mesmo a morte pode perecer!*

A última frase tocou uma nota

qualquer em minha memória. “Profecia”, ele havia dito? Onde eu já ouvira algo semelhante? Mais uma vez, o estranho tomou fôlego. Mais uma vez, ouvi o som rascante em seu peito.

— Por isso foi criado o selo. Compreende? Se Ubbo-Sathla despertar, toda a vida voltará para ele. Ele é a fonte e o fim, o alfa e o ômega... Seremos, cada um de nós, cada homem, peixe, fera ou planta... seremos absorvidos, *integrados*. O sonho da identidade terminará, e voltaremos a fazer parte de Ubbo-Sathla. Como um canibal de si mesmo, ele nos irá devorar, corpo e alma.

Desta vez, ele não parou para respirar, mas foi sacudido por um violento acesso de tosse; por um instante, temi que morresse; no momento seguinte, percebi que toda a realidade onde estávamos parecia reverberar suas convulsões, e tive o medo, irracional, de me dissipar, como a fumaça do braseiro. Mas o homem finalmente se dominou e, com olhos úmidos, voltou a falar:

— O... homem... sempre temeu, nos mais profundos recessos de sua mente, que a integração a Ubbo-Sathla fosse inevitável. E, no mais profundo da alma, esse momento sempre foi encarado com o mais absoluto terror... O homem sempre intuiu a Consciência. Mas, para escapar do medo, a humanidade passou a mentir para si mesma, mascarando a Consciência, chamando-a de Nirvana, de Paraíso, de reencontro com o Criador.

Novo acesso de tosse. Tive certeza: aquele homem estava morrendo.

— Nossa Ordem, no entanto, preservou o conhecimento original, do mago Eibon, de Al-Azrad. E nós conhecíamos o selo deixado no Pacífico pelos Antigos, dos quais Ubbo-Sathla era criatura e escravo, para subjugá-lo, mantê-lo morto. E, prevendo que esse selo pudesse ser destruído no futuro, divisamos um novo signo de poder. Um selo que impedirá que a Consciência transponha os Abismos entre os mundos, que volte a tomar contato consigo mesma. Esse novo selo *deve viajar*, compreende? Onde

quer que haja uma possibilidade do Abismo ser transposto, lá deve estar o selo.

Ele engoliu em seco, e por alguma razão imaginei que estivesse engolindo o próprio sangue.

— Nós também queríamos vincular o selo a um povo, a uma nação. Era uma forma de garantir que a imagem sobreviveria, mesmo que, em último caso, apenas nos livros de história. Para isso, influenciámos o Imperador do Brasil... Ubbo-Sathla, em suas tentativas de voltar à vida, já havia manipulado povos inteiros, antes. No Egito, em Roma, na Galiléia. Nesse aspecto, a Ordem aprendeu muito... Agora, um último aviso: ao tentar despertar, a Consciência poderá gerar um emissário, um avatar. Esse homem poderá reconhecê-lo, reconhecer o poder do selo. Cuidado.

Desta vez, ele cuspiu sangue. Um sangue roxo, da cor da névoa que nos envolvia. Talvez não fosse tuberculose, pensei. Talvez o incenso o estivesse envenenando, de alguma forma.

— Deixe que eu tente ajudar... — comecei a dizer.

— Cale-se! O tem deve acontecer, acontecerá. Escute! É... é preciso dizer: o Brasil, como portador do selo, estará sob forte ameaça, sob grande perigo. O país, como portador e guardião inconsciente do selo, é como o cadeado na porta de uma cela... E esteja certo, muita, muita coisa pode passar, vazar por entre as grades, as barras, mesmo com o fecho seguro. Talvez a nação não sobreviva. Mas é um povo por toda uma espécie”.

Lembrei-me então da visão anterior, do Rio destruído, do Cristo quebrado, dos soldados em armadura.

Eu me preparava para dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas não tive a oportunidade. Antes que pudesse abrir a boca, o vapor púrpura me envolveu totalmente. Por um instante, perdi todo o senso de direção, e mesmo de *peso* — eu não sabia se caía ou levitava.

De alguma forma, soube que o ancião estava morto.

No momento seguinte, eu estava sentado em minha cama, com meu bloco de notas na palma da mão. Na tela do bloco, aparecia a imagem holográfica de um dos filtros biológicos propostos para a missão a Europa.

Esse filtro era composto de inúmeros cristais sintéticos, como minúsculos diamantes.

Diamantes onde cada face era um perfeito losango amarelo.

XII. Planetas

Desliguei-o o bloco imediatamente. Eu não estava em condições de analisar... muito menos de decidir...

Decidir. A palavra estalou em minha mente, como a faísca de um isqueiro. E, por algum mecanismo obscuro de associação, lembrei-me de Dunkelhügel. O que ele havia dito, quando sai da batisfera? *Melhores condições possíveis... Com tantas decisões importantes nos aguardando.* Mas, que decisões? Naquele momento, eu ainda não havia recebido a solicitação sobre os filtros.

E no caso de Mason? O Homem Obscuro dissera... *Ele não estava preparado, lúcido o suficiente para tomar a decisão correta.* De novo: o que havia para Howard Mason decidir? Ou será que a teoria do Grande Animal Pré-Cambriano se aproxima *de demais* da verdade?

Você está delirando, disse uma voz dentro de mim. *Pare com isso. Vá ao laboratório. Faça um esforço, trabalhe. É melhor.*

Como uma espécie de preparação psicológica para as tarefas que me aguardavam no terminal do laboratório, reativei o bloco de notas. A secretária virtual perguntou se eu desejava alguma coisa e, imaginando uma forma de provar para mim mesmo que meus delírios não passavam disso — meras fantasias sem significado — pedi a ela que pesquisasse as datas de descobrimento dos três planetas externos do Sistema Solar: Urano, Netuno e Plutão.

Eu sabia que, durante toda a Antiguidade, passando pela Idade Média e pelo Renascimento, a humani-

dade havia descoberto apenas cinco outros planetas no céu, perfazendo, com a Terra, um total de seis. Mas o misterioso anfitrião de meu último delírio havia dito que Ubbo-Sathla ocupava *os sete* planetas. E eu tinha a impressão de que os três últimos só haviam sido descobertos no século XX. Portanto, minha "visão" do século XIX teria de ser, forçosamente, uma fantasia.

Mas eu estava errado. Dos três mundos externos, apenas Plutão foi avistado pela primeira vez no século XX. Urano era do final do século XVIII. Já Netuno havia sido descoberto em 1846.

Mil oitocentos e quarenta e seis! Se a última visão se passava quinze anos depois da primeira... E a primeira, ao que tudo indicava, havia transcorrido em 1822... Então, minha conversa com o ancião teria ocorrido em 1837. Depois da descoberta de Urano, mas antes da de Netuno.

Em um período onde acreditava-se haver sete planetas no Sistema Solar. Informação histórica de que eu *absolutamente não dispunha*... Antes da secretária realizar a pesquisa.

Não é este um dos sintomas clássicos de possessão demoníaca? Quando a vítima revela conhecimentos a que nunca teve acesso?

XIII. Caleidoscópio

A idéia de possessão trouxe à superfície um último retalho, um tênue filamento de razão, de sanidade. O quê, pensei, o que os psiquiatras dizem a respeito dos possessos? Que, mesmo que a vítima negue conhecimento prévio das línguas, dos fatos, de tudo aquilo que o "demônio" articula, ela, essa pobre, *infeliz* pessoa, na verdade *conhece* tais coisas — inconscientemente. A língua de um país distante pode ter sido captada pelos ouvidos sensíveis do possesso quando ainda bebê, no berço, através dos ecos de um filme legendado, de um programa de rádio; os fatos nunca antes estudados podem ter sido vistos, de relance, em uma enciclopédia, em um documentário, um filme, e gravados no mais obscuro da mente.

Sim. Talvez fosse isto. Talvez minhas visões, meus sonhos, não passassem de uma tapeçaria fina, uma trama tecida por fios esquecidos na mente inconsciente.

Talvez.

Mas, não. Ao mesmo tempo em que a razão lutava para se manter à tona, eu sentia uma nova *convicção* ganhar corpo dentro de mim. Uma certeza maciça, que parecia preencher minhas veias como ferro derretido, que dilatava os músculos. De repente tive medo de explodir, medo de que minha pele fosse muito fraca, inelástica, para abrigar a certeza que se expandia, e ganhava terreno, que forçava as costelas, pressionava a coluna, o coração.

No final, a *certeza* era a verdadeira substância; eu, apenas a *forma*.

Dunkelhügel notou. De alguma forma ele soube, ou sentiu, que, a partir de determinado momento, eu me havia convertido. Que eu era um *crente*; e que, como tal, iria enfrentá-lo. Tomei ciência dessa nova percepção por meio de um súbito adensamento do ar — não, não do ar. Do *éter*... ou como quer que se chame a substância do próprio espaço-tempo.

Nas semanas seguintes, minha nova fé foi posta à prova inúmeras vezes. As visões se tornaram lugar-comum a partir de então. Por isso sei que o Homem Obscuro as enviava. Elas eram avisos, ameaças, provocações: o Brasil destruído. Rio, São Paulo, Campinas, Recife, Manaus, tudo em frangalhos; todas as demais nações, manipuladas por Ubbo-Sathla, erguendo-se contra nós em toda a fúria acumulada por cem anos de paz: as já quase esquecidas armas químicas, atômicas, sônicas. E aqueles que haviam aceito retornar à Fonte Primordial, aqueles que haviam se deixado dissolver no Nirvana, ressurgiam como soldados em armaduras, nem homens nem moluscos, mas *anticorpos* do Grande Ser, do escravo disforme dos Antigos, combatendo a infecção representada por toda vida individual. E a cada visão, a mesma mensagem implícita: *Renda-se. É inútil. Evite mais sofrimento.*

As visões passaram a me assaltar em público. No escritório, na cantina, nas salas de reunião. Essa intempestividade era, também, parte do plano: ela existia para me desacreditar — aos olhos dos demais, claro, mas (e *ai* está a malícia) antes *meus próprios olhos*.

Claro! Pois, antes de ser um cren-te, eu era um *cientista*. E se tudo não passasse de estafa? Cansaço? E se o excesso de missões na batisfera tivesse algum tipo de efeito colateral?

Comentava-se isso pelos corredores. Da *Allende* e de meu próprio cérebro.

Pessoalmente, Dunkelhügel atuava para ampliar essa sensação: sempre um comentário ferino sobre a necessidade de *equilíbrio emocional* no trabalho; sempre as insinuações a respeito de Mason, inevitavelmente acompanhadas por um dar de ombros desdenhoso, como se a morte do ecólogo fosse a conclusão, natural e inevitável, de um processo de degeneração mental.

Sempre as meias frases, a palavra solta no ar, dando a entender que eu ia pelo mesmo caminho.

Ao mesmo tempo em que isso tudo acontecia, a necessidade de decidir sobre o modelo de filtro a ser usado na missão a Europa tornava-se mais e mais premente. Uma rápida análise técnica havia me revelado que todos os sistemas apresentados deveriam funcionar satisfatoriamente. A dúvida, portanto, parecia ser mais política, envolvendo as diferentes nacionalidades de fabricantes e investidores.

Tentei ganhar tempo, pedindo mais e mais especificações técnicas da nave, dos trajes espaciais, dos computadores de bordo. Entrevistei, por e-mail, inúmeros empresários, técnicos, políticos... Até mesmo alguns ativistas Pró-Terra.

Durante todo esse tempo, tratei de mascarar meus pensamentos com uma pesada cortina de *dúvida*; Dunkelhügel havia sentido minha conversão ao novo credo, à Ordem dos homens que se reuniam na biblioteca cravejada de jóias. Se ele sentisse que eu já havia decidido pelo filtro de cris-

tais amarelos...

Eu temia por minha vida. A lembrança de Mason, da poça de sangue, me assombrava tanto, ou mais, que o horror das visões.

Minha vida era um caleidoscópio de horrores.

XIV. Lealdades

Mas, no final, tudo se resumia a uma questão de lealdades. É por isso que escrevo este depoimento: para que todos saibam a quê, e a quem, fui fiel.

Eu poderia salvar minha Pátria de inúmeros horrores, mas apenas para condená-la, juntamente com o restante da humanidade, à assimilação final por Ubbo-Sathla. Eu poderia salvar a humanidade, mas impondo enorme sofrimento a meu povo — e era a primeira vez que pensava naquelas pessoas como *minhas* — e perdendo a vida.

Dunkelhügel tornara isso bem claro. Ele não *ameaçava*, é óbvio. Não com palavras. Nada que pudesse ser gravado, transcrito, *usado*. Nenhuma prova. Mas havia os olhares, os sorrisos que deixavam caninos e gengiva à mostra. A sombra que parecia acompanhá-lo a toda parte era mais densa quando eu estava por perto.

E quando ele falava, suas observações tão, tão inocentes — sobre solidão, e alucinações, sobre símbolos místicos e a morte de Mason, sobre como “grandes decisões pesam nos ombros de pequenos homens” — cada palavra saía de sua boca como se esculpida em miasma.

Para todos os efeitos, optei pelo filtro de cristais vermelhos. É isso que diz meu relatório; é isso que Dunkelhügel irá ler, nas atas do Consórcio. É isso, espero, que ele verá em minha *mente*.

Mas o movimento Pró-Terra... ah! Sim. Transferi para eles partes especialmente selecionadas, editadas, das informações técnicas que reuni durante o período em que estudei a questão. Também forneci a alguns deles identidades falsas, passes de segurança.

Senhas. Códigos. Tudo muito limitado, claro. Nenhum acesso

irrestrito.

Com as informações — e privilégios — que obtiveram de mim, os ativistas terão uma oportunidade única de sabotar a missão e desacreditar, de vez, a exploração do Sistema Solar.

Correntes radicais, dentro do movimento, haviam considerado os astronautas da missão Europa “dispensáveis”. Portanto, que melhor forma de chamar atenção para os riscos ecológicos das viagens interplanetárias do que submeter toda uma tripulação a contaminação exógena?

E que melhor forma de obter esse efeito, senão trocando os “eficientes” filtros de cristal vermelho pelos ineptos *diamantes amarelos*?

Talvez eu esteja louco ao imaginar que posso pegar Dunkelhügel, ou Ubbo-Sathla, de surpresa. Mas, imagine: se eu optasse abertamente pelos losangos, Dunkelhügel poderia simplesmente me matar e usar sua influência no Consórcio para obter segundas, terceiras, até quartas opiniões.

Claro que, por outro lado, não há qualquer garantia de que o próprio Pró-Terra já não tenha sido infiltrado.

Não tenho dúvidas de que, se meu estratagema der certo, tanto minha vida quanto minha pátria chegarão ao fim. Cairemos, ambos, como peças de um jogo que nenhum de nós realmente chegou a compreender.

Os peões que evitaram o xeque-mate.

Podem se perguntar os caros leitores porque publicamos mais um conto de volta-ao-passado, mais um daqueles em que o sujeito retorna e (escolham) some/come/troca/salva/mata o avô dêle/Jesus/Napoleão/Pelé / (escolham também). Já foram exploradas quase todas as permutações possíveis do tema, desde as acima até as mais grotescas, e por mais lados do que a bunda da Carla Perez. Como aliás bem o demonstrou o artigo do Eduardo Torres (Somnium nº 73), que acredito ter esgotado o assunto - digo, o assunto, com abundantes exemplos tirados dos clássicos da FC.

Bem, em literatura pelo menos, por mais que um tema tenha sido explorado antes, sempre há esperança de alguém se sair com um novo tom, modo ou estilo de contar a história. O que é ótimo para nós leitores de FC porque, pensando bem, não há mesmo muitos temas novos de FC por aí, como aliás em qualquer área da literatura.

Por duas vezes eu tinha voltado no tempo para salvar Jesus Cristo da crucificação, mas algo dava errado e eu sempre chegava depois... atrasado.

Desde que comprei a Makna, minha única preocupação era chegar a tempo de intervir no processo, assim Jesus teria mais tempo para divulgar seus ensinamentos.

No ano de 2133, a história de Jesus de Nazaré; Jesus Naggar; Jesus, o Galileu; Jesus Kaphas; enfim, Jesus, o Cristo, permanecia viva ainda. O moderno mundo DC "depois de Cristo" ainda carecia das palavras do passado.

Ninguém sabia sobre a Makna, nem ia saber. Só o dono do ferro-velho que ma vendeu, mas ele não tinha menor noção do que era "aquilo" - nome que ele a chamou quando apontou para o canto onde ela estava encostada. Ou será que sabia e me empurrou, espertamente, um bagulho? Sei lá! Só sei que ela funcionou. Viajei com ela ao passado e voltei.

Às vezes existem vantagens de se comprar lixo cibernético e, como já havia lido algo sobre aquele bagulho, digo, antigo aparelho, apressei-me em levá-la. Tinha a forma de uma balança de peso, igual as que ficavam em farmácias antigas. Aquelas que a gente pisava numa base de metal presa ao chão e, à altura da cabeça, um ridículo visor de cristal líquido registrava o peso equivalente e quilos!!! Porém minha Makna era diferente. No lugar de visores de marcação havia uma pequena tela-visor de tempo. Era um aparelho simples, mas para utilizá-lo fazia-se necessário colocar

um capacete especial, com saliências que pareciam antigos fones de ouvido.

Mil idéias me passavam pela cabeça. Tinha que tentar voltar no tempo de novo. Numa tarde saí do laboratório e fui ao fundo do quintal espremer um pouco e concentrar-me numa solução. Olhei o céu pontilhado de mundos luminosos. Naquele momento senti a força do universo pulsando soberana como se cada batida de meu coração estivesse apoiada no tempo. Ah, o tempo! Sonho de muitos. O controle final. E pensar que ele não existe...

Peguei o relatório de minha primeira viagem ao passado e revi todos os dados, enfocando principalmente o problema do calendário. Algo me cheirava estranho. Mas não havia nada de errado, eu tinha feito os cálculos corretos. Contratei astrônomos, cientistas e geógrafos. Gastei muito tempo para elucidar este caso. Levei em conta os dez dias tirados do mês de outubro de 1582 pelo Papa Gregório XI, e também a diferença de um dia a cada 4 mil anos (365,6 dias). Entretanto a tentativa não tinha dado certo, ou melhor, tinha um "dado" errado.

Isso não podia ser. Os astrônomos forneceram-me os números corretos e os computadores calcularam com perfeição total. Se houve erro, o erro foi meu.

Claro! Com o intuito de chegar antes, calculei para as 14 horas do dia 3 de abril de 33 (sexta-feira). Porém cheguei às 15 horas, e a essa hora ele já estava crucificado e "morto".

Lembro que quando cheguei fiz um barulhão, fiquei apenas alguns segundos olhando para ele. Ninguém me viu, mas de repente fui arrebatado rapidamente de volta ao meu tempo.

Na segunda viagem corriji os dados errados. Alterei os controles e relógios da Makna para: Jerusalém/ 15 horas/3 de abril/33 d.C (horário local). No entanto era preciso chegar antes, por isso alterei para o dia 2 e lá fui eu rolando pelo tempo... de olho firme nos comandos.

Desta vez usei uma alavanca que ainda não havia experimentado. Uma chave que arredondava lapsos de segundo e corrigia erros circunstanciais mínimos. Estava certo de que conseguiria alcançar o meu intento: trazer ao meu "presente" um futuro bem melhor, através dos ensinamentos de alguém que só pensou na humanidade. Os homens mudariam... e o futuro do futuro seria melhor ainda.

Visando conversar com Jesus, tinha estudado aramaico, grego e latim. Era uma ocasião especial.

Infelizmente nada disso aconteceu. O resultado da primeira experiência se repetiu; só que desta vez cheguei às 17h50 do mesmo dia... e novamente atrasado! Muito atrasado, pois ele já não estava mais na cruz. Pelo visto, de nada "adiantou" usar o Controle de Lapsos, embora o visor mostrasse os cálculos corretíssimos. Não obstante, uma coisa aconteceu: o chão estava molhado, e quando levantei a cabeça para ver se ainda ia

chover, estremei ao ver a lua ser atingida por um impressionante eclipse. Em seguida fez-se um zumbido e voltei rolando por aquele longo tubo do tempo.

Já estava ficando preocupado. Que tipo de força era aquela que controlava o tempo e exigia tamanha exatidão? Localizei meu objetivo no Oriente Médio, conforme os maiores entendidos em geografia terrestre, profissionais do Instituto Astronômico e Geofísico Mundial. O horário era corretíssimo!!!

A Makna do Tempo é engraçada, ela não dá tempo para a gente pensar que viajou no tempo. Parece que não existe tal fato, mas ela nos embriaga com esse desafio estranho.

Desta vez tinha que dar certo. Era uma questão de honra. Dei um RESET nos controles e comandos. Carreguei todos os dados novamente. Conferi meu relógio celular de pulso e lá fui eu... com fé.

Um frio percorreu minha barriga, e eu o tempo. De repente tudo parou. Cheguei exatamente ao lugar previsto. Tinha chovido e o ar estava com aquele cheiro de terra úmida. Duas mulheres vestidas de preto choravam perto da cruz e um centurião as observava. Do outro lado, legionários absortos jogavam dados, nem notaram minha presença. Calmamente tirei o capacete, levantei e segui em frente.

Ali, no Gólgota, parei para olhar a cidade. Reconstitui mentalmente o caminho percorrido por Jesus carregando o seu pesado fardo até aquele ponto. Era um fim de tarde em Jerusalém, véspera de Páscoa. Olhei o relógio e desta vez tinha chegado às 14h45 daquela fatídica sexta-feira, mas não tão a tempo como havia programado.

Então, olhei para cima e vi Jesus crucificado entre dois outros homens. Aproximei-me da cruz olhando firme para Ele enquanto pensava - "Puxa vida, cheguei atrasado outra vez; sou um fracasso!" Olhei com respeito aquele ser torturado, machucado, respirando com dificuldade e o rosto banhado de suor. Súbito, seus

olhos se abriram e me fitaram. Senti um calafrio.

Tomado por uma grande força interior, enchi-me de coragem e falei num nervoso aramaico:

- Fracassei de novo mestre! Apesar de tanto empenho não fui capaz de chegar a tempo de salvar-te do sofrimento. Ainda não entendo o que deu errado!

Num esforço impar, Ele entreabriu os lábios e, ainda me olhando sem surpresa, respondeu em latim:

- O atraso não é culpa vossa, homem do futuro. Em verdade vos digo, meu Pai quer que assim seja!

Algo fez sentido em minha mente.

Logo depois, Ele olhou para as duas mulheres em prantos aos seus pés e disse uma frase em hebraico que não consegui ouvir; levantou os olhos para o céu, como se procurasse alguém, mexeu os lábios e tombou a cabeça para frente.

Meu relógio marcava 15 horas. Tudo estava terminado. Naquele mesmo instante ouvi um barulhão atrás de mim. Assustado virei-me rapidamente para ver o que era. Por um instante não acreditei no que vi: era eu mesmo chegando atrasado na primeira vez!



Timequake (excêrto)

por Kurt Vonnegut

Se há algo de notável nos leitores brasileiros de hoje é a sua conspicua ausência, mesmo após tantos anos de Mobral, ensino obrigatório e do Plano Real, êste que deixou um pouco mais de dinheiro na mão das massas.

Que aparentemente o usaram para comprar frangos, televisores e CD's de pagode. Livro que é bom, nada. Nêste contexto de empobrecimento mental não é fácil manter um clube de leitores, seja lá do que for. Até de Star Trek e Paulo Coelho, quanto mais de FC, que puxa muito pela imaginação e não dá nenhum retorno financeiro pelo esforço despendido. E o pior é que não é só nos países lotados de analfabetos que o vento sopra contra a literatura, o problema está ocorrendo até lá na Matriz. Aliás, começou por lá, onde alguns vêm nisso consequências muito mais graves do que a decadência dos clubes literários.

"De vêz em quando eu ainda bolo uns contos, como se isso ainda desse dinheiro. Hábitos não morrem fácil. Antes os contos também costumavam dar uma certa fama passageira. Pessoas eminentemente letradas conversavam com entusiasmo sobre uma história de J. D. Salinger ou de John Cheever ou de John Collier ou de John O'Hara ou de Shirley Jackson ou de Flannery O'Connor, ou de qualquer um que houvesse sido publicado alguns dias antes numa revista.

Não mais.

Tudo o que eu faço hoje com as idéias que tenho para contos curtos é lhes dar uma forma bruta, creditá-las para Kilgore Trout e colocá-las num livro. Eis aqui o começo de um dêles, cavado da carcaça de *Timequake* Um e intitulado "As Irmãs B-36" :

"No planeta matriarcal Bubú, na Nebulosa do Caranguejo, havia três irmãs cujo sobrenome era B-36. Mera coincidência que o sobrenome da família fosse também o de um avião terráqueo, projetado para lançar bombas sobre populações civis sujeitas a lideranças corruptas. A distância entre a Terra e Bubú era grande demais para que êles se comunicassem.

Outra coincidência : a linguagem escrita de Bubú se parecia com o inglês da Terra, consistindo de arranjos idiossincráticos em linhas horizontais de vinte e seis símbolos fonéticos, dez algarismos e umas oito marcas de pontuação, assim como por manchas de pigmentos, espalhadas em superfícies planas montadas em molduras.

Quando um jovem Bubuliano estivesse lendo um livro, dependendo do que estivesse acontecendo nêle um adulto poderia interrompê-lo para dizer "Isto não é triste? O cachorrinho da garotinha foi atropelado pelo caminhão de lixo. Isso não te dá vontade de chorar?"

Ela era tão *chata!*
Ela só falava de termodinâmica. Ela era invejosa. A sua ambição era de fazer as suas duas irmãs se sentirem, para usar de uma expressão favorita de Trout, "como algo em que o gato cagou em cima".

Trout dizia que os Bubulianos estavam entre as criaturas mais adaptáveis do Grupo Local de galáxias. Isso se devia aos seus grandes cérebros, que podiam ser programados para fazer ou não fazer e para sentir ou não sentir qualquer coisa que fosse.

Imagine!

A programação não era feita cirurgicamente, nem por qualquer outro meio intrusivo. Era feita *socialmente*, apenas falando, falando, falando. De preferência, os adultos deveriam falar aos pequenos Bubulianos sobre sentimentos e atos presumivelmente apropriados e desejáveis. Os cérebros dos jovens responderiam desenvolvendo circuitos que tornariam automáticos os prazeres e os comportamentos civilizados.

Parecia também ser uma boa idéia, por exemplo, quando as coisas estivessem meio devagar, de estimular beneficemente os jovens Bubulianos com os tais arranjos idiossincráticos em linhas horizontais de vinte e seis símbolos fonéticos, dez algarismos e umas oito marcas de pontuação, assim como por manchas de pigmentos, espalhadas em superfícies planas montadas em molduras.

Quando um jovem Bubuliano estivesse lendo um livro, dependendo do que estivesse acontecendo nêle um adulto poderia interrompê-lo para dizer "Isto não é triste? O cachorrinho da garotinha foi atropelado pelo caminhão de lixo. Isso não te dá vontade de chorar?"

tade de chorar?"

Ou o adulto poderia dizer, sobre um outro tipo bem diferente de história, "Isso não é engraçado? Quando aquele velho ricaço metido pisa numa casca de *nim-nim* e cai dentro do bueiro, não te dá vontade de botar as tripas prá fora de tanto rir?"

O *nim-nim* é uma fruta Bubuliana parecida com uma banana.

Um Bubuliano imaturo, levado a uma galeria de arte, poderia ser questionado se a mulher retratada no quadro estaria realmente sorrindo ou não. "Ela não poderia estar triste por algum motivo, porém mesmo assim nos olhando daquele jeito? O que você acha, ela é casada? Teria um filho? Seria boazinha com êle? Para onde você acha que ela estará indo em seguida? Será que ela quer ir?" Se houvesse uma bandeja de frutas no quadro, um adulto poderia perguntar, "Nham nham nham! Essas *nim-nim* não parecem apetitosas?"

Êsses exemplos de didática Bubuliana não são meus, são do Kilgore Trout.

Assim, os cérebros da maioria dos Bubulianos, porém não os de todos, eram feitos para gerar circuitos, microchips se quiserem, que na Terra seriam chamados de *imaginações*. E era precisamente porque a vasta maioria dos Bubulianos tinha imaginações é que as duas irmãs B-36 eram tão amadas., a escritora e a retratista.

Sem dúvida, a irmã malvada também tinha imaginação, porém a dela não era voltada para a apreciação das artes. Ela não lia livros nem frequentava galerias de artes.

Quando ela era pequena, ela passava todos os seus minutos livres no jardim de um asilo de lunáticos ao lado da sua casa. Acreditava-se que os birutas do jardim eram inofensivos e todos viam o fato dela lhes fazer companhia como uma atitude compassiva e altamente meritória. Mas os malucos lhe ensinavam cálculo, termodinâmica e por aí a fora.

Depois, quando a irmã malvada se tornou uma jovem mulher, ela e os malucos projetaram câmeras de televisão, transmissores e receptores. Logo ela arranhou dinheiro com a sua riquíssima mãe para fabricar e vender aqueles dispositivos satânicos, que tornaram a imaginação redundante.

Eles se tornaram logo muito populares, pois os programas eram muito atraentes e não requeriam pensar.

Ela ganhou montes de dinheiro com aquilo, porém o que realmente lhe

agradava é que as suas duas irmãs começaram a se sentir como algo em que o gato cagou em cima. Os jovens

Bubulianos não viam mais motivo para desenvolver a imaginação, já que lhes bastava apertar um botão para aparecer toda sorte de bosta cintilante. E ao olhar para um quadro ou para uma página de um livro, ainda eles se perguntavam como é que alguém poderia ficar chapado com aqueles troços tão simples e parados.

O nome da irmã malvada era Nim-nim. Quando os seus pais lhe deram aquele nome, não tinham a menor idéia de quão pouco doce ela se tornaria. E a TV não era nem a metade daquilo! Quanto mais chata ficava, mais impopular se tornava, por isso inventou automóveis, computadores, arame farpado, lança-cha-

mas, minas terrestres, metralhadoras e por aí a fora.

Isso mostra o quão puta nas calças ela vivia.

As novas gerações de Bubulianos cresceram sem imaginação. A droga que Nim-nim lhes vendia satisfazia perfeitamente os seus apetites por distrações que os livrassem do do tédio. E porque não? Que se dane!

Porém, sem a imaginação, eles não mais podiam fazer o que os seus antepassados faziam antes, que era ler no rosto dos seus semelhante histórias interessantes, que lhes tocassem os corações. Assim, de acordo com Kilgore Trout, os Bubulianos se tornaram "as criaturas mais implacáveis do Grupo Local de galáxias."

(Trad. Alfredo F. Keppler)



Sete vezes besta, sete vezes homem

por Ivan Carlos Regina

O nosso Ivan não é O Terrível, pelo menos quanto ao temperamento sanguíneo, mas não deixa de aprontar as suas no papel. Justamente reconhecido como um dos mais originais escritores brasileiros, seus contos e novelas nos surpreendem com experimentos estilísticos inovadores e idéias muito peculiares, por vezes cômicas, às vezes chocantes, sempre porém memoráveis. Como esta heptalogia, por exemplo.

1) O Campo da Ira

Sendai Area, Japão
Terremoto de 1995

A primeira coisa que ouvi foi um som como se fora uma concha se abrindo. Um silvo abafado, profundo. E então a luz explodiu na minha cabeça, como um trovão que ecoa e ribomba pelos campos.

Eu estava vivo, infelizmente. Lutei para não recobrar minha memória, mas ela voltou, subitamente, como o jorro de vômito que exalei.

As lembranças se agruparam como velhos slides jogados abruptamente ao solo. Ao meu lado, a branca e inerte mão de minha esposa jazia de seu corpo exangue. O amor que eu tinha por ela continuava o mesmo após a sua morte. Já as lágrimas haviam cessado. Não restaram lágrimas que pudessem ainda serem choradas. Já não havia consolo para o tamanho desta dor agora inserida naquele espaço.

Passou o primeiro homem vestido de vermelho. A viga que me prendera os pés tinha sido feliz para minha mulher, lhe esmagando a cabeça. Talvez ela não tenha tido tempo para a dor, afinal. Quem sabe dos designios que se movem pelas inefáveis mãos dos deuses ?

A roupa encarnada se debruça sobre minha filha, como quando uma pomba desce ao solo no final da tarde, à procura de descanso.

A mesma trave lhe amassou a cintura e seu choro ecoou, ecoa e ecoará nos meus ouvidos pelo tempo inteiro da minha existência.

Imploro a morte e troco a vida que me resta para esquecer o lamento

repetido de quem amava.

Outro pássaro emplumado desce pelo buraco. Que querem de mim ? Já não tenho mais nada a dar a não ser mágoa e amargor.

Agora estou na maca. Não sei se me cortaram os pés, eu que já não tenho o controle do tempo. Talvez tenha passado algumas horas, ou talvez dias. Estou no lugar onde tudo é plano.

Sou carregado para fora e vejo, longe, um azul cristalino. Creio tratar-se do céu, porque existem nuvens.

Em oposição ao que está no alto avisto o que deveria estar no solo, mas é incompreensível. As coisas não estão no lugar que deveriam estar, não é um mundo, é um quebra cabeças desmanchado e eu sou só uma peça. Só o que me resta é a minha individualidade dolorida.

Sou homem !

2) Pétreia Luxúria

Templo de Maharaja
Índia Oriental, 1836.

No segundo ano foi que comecei a compreender as coisas aqui. Não sou um neófito na Índia. Vim para aqui há mais de um ano, logo conheço o modo de viver das pessoas. Reitero : não sou um simples turista, embora acredite agora mais em seus mistérios ocultos do que quando cheguei.

Não tenho o biotipo típico dos meus irmãos ingleses. Posuo a pele ligeiramente azeitonada e o cabelo moreno, podendo passar, à distância, por um nativo. Estou aqui a trabalho, mas gostei tanto do país que não sei se retorno à Velha Ilha.

Ainda mais agora que namoro com Maia. Ela é uma mulher maravilhosa, a primeira vez que a vi pensei que tinha os lábios inchados, depois percebi que eles eram assim mesmo. É sólida como uma coluna e cheia de curvas como uma serpente.

Tenho por ela verdadeira adoração carnal. Fazemos sexo todos os dias, várias vezes. Aqui nesta terra quente o trabalho é leve. Saio às dezessete horas e a amo de quando chegar em casa até a exaustão física.

Neste mundo as mulheres são de carne e osso e podemos agarrar seus cabelos, morder, arranhar e penetrá-las profundamente, de uma forma que o Ocidente não só não conhece como nem pode imaginar que exista.

Estou hoje com Maia no templo de Maharaja, onde, segundo ela, poderei ver a verdadeira essência do povo hindu. É um lugar para iniciados, não para viajantes. Segundo ela não fui eu que a quis visitar, mas sim a Deusa que me escolheu. Ao ver o templo, fico extasiado. De um mármore claro, suas paredes estão revestidas de milhares de estátuas antropomorfas em pleno ato da cópula. Nesta frisa, com seu pênis ereto um homem penetra uma mulher encurvada que lhe oferece, lasciva, as alvas nádegas. Aos pares, aos trios, todos os espaços são reservados para os jogos eróticos. Maia me conduz pela mão. Ao chegarmos na frente de uma grande porta, informa-me tratar-se da sala da Deusa mãe. Pergunta se quero prosseguir. É claro, respondo rapidamente. Ela então me beija na frente. Atravessamos o umbral. É uma sala ampla, quente e iluminada. No seu centro uma estátua de alabastro mostra uma mulher nua. Olho para seu olho de jade que me

seduz estranhamente.

E então do meu baixo ventre um grande calor despenca para o meu cérebro. Sinto meu pênis inchar de maneira assustadora. É uma ereção prolongada que simultaneamente é orgasmo.

Fico ali sentindo aquele prazer desmesurado que vem do centro do meu corpo que é ao mesmo tempo do mundo.

E então sinto também, paulatinamente, meu sangue parar de correr por minhas veias. Arrasto-me para fora da sala. Meus membros, a partir do meu membro, estão se tornando sólidos. Grito, e minha voz ecoa pelas galerias : - Sou homem ! - , e as estátuas todas respondem, em coro uníssono :

- Também nós o fomos um dia !

3) Gruta de Gula

Campo de Concentração de Dachau Alemanha, 1942.

Ali, naquele canto do campo, há um deus. Ou melhor, três de concreto. Se é que os seres humanos têm alma, como não as vejo sair pela chaminé ? Serão umas maiores que as outras, e, o sendo, porque todas terminam da mesma maneira ? Sem um grito, ninguém se debate, ninguém se comove. E eu, que estou deste lado da linha também já não me horrorizo mais. A morte é uma estranha amiga. Primeiro te põe a mão ossuda nos ombros e você sente um frio te descendo pela espinha . Logo sentamos em seu colo com uma caneca de cerveja a brindar o fim da existência da vida. Não é da minha responsabilidade, eu só cumpro ordens.

A minha missão é muito simples ; eu fecho a porta, mas não ordeno a entrada.

Lembro-me da minha infância, quando eu trancava meu primo no banheiro ou no armário embutido. Era como agora, uma brincadeira, ele também me trancava. Hoje ganho a vida como porteiro.

Uma nova fila me aguarda. Vêm todos nus, pacificamente. São jovens, suas roupas poderão ser úteis em outro lugar. E então a avisto : é quase uma criança, não deve ter nem dez anos. Seus olhos são negros, são desfiladeiros por onde rola a escuridão dos tempos.

É a última da fila indiana, e seu olhar me faz compreender o meu pecado e dos meus semelhantes. Percebo a imensidão e o peso dos nossos atos sobre a Terra. A sigo, docilmente, curioso.

Ela está prestes a ingressar na câmara , e , das suas costas, uma protuberância ressalta. Mexe-se, ondule e uma enorme asa se desdobra. Miro-a e enxergo todas as cores do arco íris, como as borboletas que perdi quando ainda era tempo e se foram ao país do sonho.

Vou com a fila, mas ela me barra com um gesto categórico, a mão espalmada. E então eu perco a cabeça, e grito : - Eu tenho o direito. Sou homem !

Avanço e fecho a porta, desta vez comigo dentro. Não é tão mal como parecia por fora : é só uma grande escadaria que sobe.

4) Corpo de Inveja

Atenas, Grécia
423 Antes de Cristo.

Estava eu, Agamenon, no salão oval do meu palácio quando Zeus em pessoa veio visitar-me. Pressenti que era ele pois um touro com cabeça humana e pés de porco adentrou subitamente, interrompendo meu desejo, que neste dia era figo, mel e uvas.

De um de seus chifres saía um halo de luz e do outro um feixe de escuridão, lembrando, a nós, humanos, das trevas da qual viemos e à claridade que aspiramos.

- Dá-me uma mulher humana, gritou o deus animal, para que dela eu possa gerar o filho que vos governará.

Não era sua primeira vez, e nem de longe sua melhor aparição. Os dígitos suínos o colocavam muito perto do chão, pelo que retorqui :

- Aqui não há nada para você, e acrescentei, em tom conciliador, - pois você prefere o melhor e já teve o bom que temos.

O deus bateu três vezes seu pé no pavimento, abrindo uma fissura na incrustação do mármore escarlate. Seu olho, então, era maior que sua cabeça, como se um conteúdo pudesse abarcar um continente. Seu olhar percorreu toda a extensão da sala, num átimo varrendo-a pelo detalhe infinito. E então compreendeu.

- Dá-me do vinho, rei dos homens -, vociferou em timbre dourado.

Fiz um sinal com os dedos, e um criado, trêmulo por servir a um deus majestoso, trouxe ao salão duas taças e uma ânfora de barro lacrada.

O touro resfolegou, e refugou a urna. Farejou, as narinas dilatadas e escolheu, dentre as ânforas empilhadas a um canto da sala, uma que continha a inscrição de uma concha em baixo relevo. Com seu casco esquerdo espatifou o lacre, quebrando a integridade do vaso.

Não saiu de lá nenhuma torrente de tinto caldo mágico, nem ao menos carrascão de uvas acerbas. Pulou de lá, nua a não ser por uma concha no púbis, Afrodite, em sua forma de mulher.

Zeus enrubesce, pois pescador em mar alheio não gosta que colham do seu. Lançando mão do seu poder supremo, encolhe a deusa e a mantém prisioneira na pálpebra de seu olho.

No centro da sala um falso campo verde instala, e uma ilusão de céu recobre sua bela obra. E sete vezes Zeus possui Afrodite, como touro, como bode, como cachorro, como coelho, como cavalo, como dragão e como deus em feixe de fogos fátuos.

Após os coitos, repousa em seu tapete tecido com fios de prata lua, finalmente sorvendo o vinho que tingia a taça que lhe fora oferecida.

Afrodite, então liberta, mostra porque era minha deusa predileta. Corre para o meu lado, abraça minhas pernas e beija meus pés. Declara neste ato um amor divino.

A loucura toma posse do meu humilde ser, e lanço o desafio à besta ofegante :

- Sou homem ! , grito, enquanto você é um simples deus. Só a carne pode saciar a carne.

5) Avariza de Meios

Base Terrestre Orbital
de Júpiter, Ano de 2208

Eu sei que agora sou um homem importante, mas naquela ocasião não era ainda.

Quando eu era criança o Padre Colodi, professor de exobiologia, levou-me um dia até a janela e perguntou : - Você acha, meu filho, que Deus criaria este Universo tão vasto, com seus milhares de estrelas e planetas, para preenchê-los somente com a nossa inteligência terrena ? Não seria um desperdício de meios, tantos teatros para um só ator ? E concluía, com seu tom meio professoral e meio companheiro : - Deus, meu menino, é avaro por definição. Tudo na sua Divina Criação tem um porquê, uma razão de existir.

Cresci sempre com aquela dúvida. Se era verdade a fala do meu preceptor, porque nós, terrestres, que após a invenção do motor interestelar percorremos centenas de planetas potencialmente habitáveis, nunca encontramos vida, em nenhuma parte ? Nem uma formiga, um caracol, uma bactéria, nada.

Vim trabalhar para o Programa Espacial. Percorri, em sete viagens, quase uma vintena de planetas. Na sua maioria eram bolas de fogo, que simplesmente orbitávamos, deixando um satélite de exploração para fins científicos e nada mais.

Quando cheguei pela primeira vez em Aldebarã IV, eu e meu colega, o tenente Brusque, tivemos a nítida sensação de que aquele planeta poderia conter vida, se não seres humanos, ao menos árvores e talvez até um peixe pliocênico.

As condições para a vida humana eram excelentes, paradoxalmente melhores até do que a Terra.

Atmosfera impoluta, concentração de gases adequada, temperatura estável. Bom demais. Parecia um projeto feito para nós. Por isto pousamos em sua superfície.

Dirigimo-nos ao nosso carro de exploração e guiamos por um par de horas. Foi exatamente atrás de uma grande duna de areia que avistamos "A Construção".

Era imensa, um enorme retângulo de vidro que se estendia quilômetros adiante. Ficamos maravilhados com seu porte. Era sem dúvida obra de uma raça inteligente.

Paramos o nosso jeep e fomos até perto do que parecia ser um portal de entrada.

Colamos nossas faces ao vidro e tivemos uma incrível surpresa : cuidadosamente alinhados em colunas de cinco, milhares de seres humanos (ou semelhantes) dormiam placidamente seus sonhos de séculos. Se não fora por ligeira palidez em seus rostos diríamos que simplesmente repousavam esperando voltar à cena no momento seguinte.

Queríamos entrar, vê-los de perto, mas não sabíamos como. Infrutiferamente disparamos nossos fêiseres para a porta. Qualquer que fosse a nossa tentativa, tudo que fizemos foi em vão. A porta estava indissolavelmente fechada. Permanecemos ali algumas horas.

Na hora do lanche, enquanto bebíamos a única garrafa de vinho disponível a bordo, um Chateau Petrus 2199, reservado para uma grande ocasião como aquela, tive a idéia.

Encostei a minha mão espalmada junto à porta e vidro e gritei : Sou homem ! A porta ondulou, como se fosse feita de água, tremeu e desapareceu.

Quando cruzamos o umbral, em nossas cabeças uma voz tonitrou :

- Bem vindo, Deus. Agora podemos juntos completar nossa missão no Universo.

6) Castigo de preguiça é galope do demônio

Quixadá, Ceará
Brasil, 1929

Estou te falando, seu Lampião, porque é verdade. Se não fosse não te contava não.

Estava voltando de Quixadá com a dúzia de homens que tu me con-

fiou, já com o dinheiro que nós fomos buscar. As moedas colocamos num saco de pano grande de farinha e vinha um jegue só para carregar ele. Nós tínhamos acabado de apagar a matula para passar a noite quando ouvimos um grande barulho, ali pertinho. Nós não temos medo da polícia e fomos ver o que era. Podia ser uma volante extraviada. E quando chegamos perto do rio vimos a coisa. Parecia uma bicicleta mas tinha uns canos atrás que estavam ainda soltando fogo como o capeta pelas ventas. Nós todos sacamos os revólveres mas não teve precisão, não. O bicho estava morto. Fedia igual a um bode velho, tingido de verde. Só que tinha uma anteninha esquisita, parecendo de borboleta. O troço de metal deixamos para lá, que para mais nada servia.

Quando ao animal, este cortamos a cabeça e fizemos um bom enso-pado de panela com farinha de macaxeira. Estava uma gostosura.

Dormimos e pegamos estrada. Andamos durante dois dias. No terceiro, você não acredita. Veio outro animal, igualzinho ao primeiro. Vinha voando feito passarinho besta, talvez procurando seu irmão. Eu digo isto porque tinha guardado a cabeça do primeiro bicho no outro saco vazio.

Então o Manoel Quiabo, você conhece a fama dele, não esperou o bicho nem chegar perto, deu-lhe uns três tiros, e acertou todos. O bode velho caiu igual jaca descabada, e sua máquina voadora fez um barulho desgraçado de alto.

Bem, seu Lampião, você sabe como são estas coisas, nós estávamos tudo com fome de novo. Naqueles dois dias só tínhamos comido uma cobra moqueada que o Antonico matou com uns maxixes que nós roubamos da horta de uma velha escandalosa.

Foi aí que esquetejamos o bicharoco e fizemos de novo a tal da carne de panela, tinha um gosto esquisito mas com pimenta ficou bom e ajudou a acalmar o estômago.

De novo pegamos a trilha de volta. Estávamos a umas dez léguas daqui, mais ou menos, quando aconteceu.

Nós estávamos tudo dormindo. Então ficou dia de repente. Olhamos para o céu e não vimos nada, só tinha uma bola redonda, enorme, como estes pratos de banda de quermesse. E da aba da dita saíam umas luzes muito fortes, que cegavam a gente. Seu Lampião, foi só o tempo de eu correr e me

esconder num buraco ali perto. Uma luz vermelha muito da sem vergonha iluminou os homens tudo, com os sacos em que estava a moedagem e as cabeças dos animais, as rações e os nossos jegues, e então abriu um buraco e foi tudo parar lá nos intestinos da bola.

E não tem mais nada, não, seu Lampião. Corri desabalado para cá. Eu sei que o Senhor está pensando que eu roubei o seu dinheiro, mas não é nada disso. Eu sou homem! Se fugi é porque era coisa do diabo. E tem mais. Se eu tivesse roubado o seu tesouro, o Sr. acha que eu seria tão burro de voltar? Eu sei o que o Sr. faz com ladrão, seu Lampião. O Sr. corta a cabeça deles. Mas a minha o Sr. não vai cortar não. Ou vai?

7) Orgulho de Gente

Campo de Presos Políticos
Sibéria, Rússia, 1952

Éramos recolhidos para a nossa cela em horário impossível de precisar. O sol, neste latitude, não é confiável. Tem medo dos homens que dominam a terra, e pouco se apresenta.

Quando chegávamos em nossos dormitórios, que nada mais eram que barracões precários com enxergas sobre o solo, estávamos tão cansados que dificilmente conversávamos.

Dormíamos em quartos numerados, em grupos de dez pessoas, e nossas roupas se limitavam a um uniforme velho e um cobertor malcheiroso, que seríamos o único que teríamos em vida.

Nosso jantar era uma côdea de pão de centeio bolorento, passado, que se comia com cuidado para não se perder a poeira que fugia quando ele esfarinhava ao nosso menor contato.

Os diálogos eram raros, as brigas inexistentes. Se nos faltava energia para o pensar, como despender o fabuloso desgaste físico que uma luta corporal acarretaria?

Nosso trabalho era pesado, carpiamos o leito gelado da Estrada de Ferro Transiberiana. Peneirávamos brita, carregávamos pesos. O objetivo deste labor era a nossa morte. Éramos presos políticos, e nossa vida não interessava ao Estado.

Aos presos comuns eram reservadas as tarefas menos difíceis, como trocar os pregos que prendiam os trilhos à madeira enrijecida dos enormes

dormentes, que vinham e voltavam em vagões que trafegavam por sobre seus irmãos.

Apesar do vento gelado que soprava e nos fazia suspirar pelo alívio consolador da morte, em alguns instantes a ferrovia era bonita de se ver. Os trilhos iam além de onde podíamos avistar, ao infinito, onde uma esperança poderia estar abrigada à nossa espera.

A bem da verdade, porém, não posso dizer que perdêramos por completo nossa humanidade. Tentativas eram feitas para resgatá-la. Houve um torneio de xadrez, um concurso de canto. Éramos intelectuais, acreditávamos que alguma reviravolta ainda pudesse acontecer e fôssemos postos em liberdade.

Nosso grupo tinha um preso especial, um filósofo. Era um cientista, estudioso do hipnotismo. Fora preso porque a KGB encontrara em sua casa "objetos misteriosos", tais como pêndulos, baralhos de Tarot e outras coisas que não conseguiram identificar. Por isto prenderam Zarkov, porque tudo que não fosse a favor do regime era obrigatoriamente contra.

Este homem, apesar de tudo, era muito calmo e resignado. Só o deixou de ser quando um lamentável acidente ocorreu com a nossa turma. Estávamos enfileirando trilhos novos ao longo da via férrea para substituir os já desgastados, em perfeita harmonia. Erguíamos as barras em conjunto, cinco de cada lado. Do nosso lado estavam eu, Dimitri, Zarkov, Ivanov, o belo de nariz grande e Ylia, um detento muito novo, quase um rapaz.

Um panfleto passou a voar, um simples anúncio ou talvez um fragmento de jornal. Ylia saiu correndo para pegá-lo. Todos pousamos o trilho e procuramos demovê-lo, gritando, em vão. Deixou os limites estabelecidos e a última coisa que ouvimos dele foram dois tiros.

Depois disto Zarkov começou a delirar. Desenvolveu um método de hipnotizar pessoas e acreditava que com ele conseguiríamos fugir do campo. Seu plano era hipnotizar o grupo como se fôssemos animais e nesta forma os guardas nos enxergariam, podendo todos sairmos calmamente pelo portão da frente sem sermos incomodados.

Noite após noite ele propunha repetidamente esta estranha estratégia. Pouco a pouco fomos nos convencendo que era melhor tentar do que

morrer aos poucos ali, de fome e de frio. O único céptico do grupo era Ivanov, o dono do nariz avantajado e alvo das gozações dos demais. Alto, desengaçado e vermelho, era, após a morte de Ylia, o mais jovem do grupo.

Em uma noite de frio especial, fomos avisados que não receberíamos nossa ração de alimento. Estávamos desesperados e dispostos a lutar. Zarkov, então, olhando-nos placidamente, disse - Esperem. Vou à dispensa buscar comida. - E assim o fez. Na volta, explicou-nos que se fizera passar por um gato vadio que enfeitava a cantina dos oficiais, sendo por isto desprezado pelos soldados e conseguido completar sua missão. Após esta prova todos ficamos alvoroçados.

Durante três noites combinamos a nossa fuga. Após debates acalorados resolvemos nos transformar em burros, pois havia um grupo na estrebria, e assim chamariamos menos a atenção.

Zarkov hipnotizou um por um, e seguiu na frente. Fomos, em fila indiana, todos de quatro, lentamente. Atravessamos o grande pátio e chegamos em frente da guarita dos guardas.

Saímos um por um, Dimitri ainda chegou a mastigar um tufo de grama verde cinza que resistira às intempéries do inverno. A fuga teria dado certo, se não ocorresse que um dos guardas comentou, rindo, para o outro: - Olha o nariz daquele burro. Com um focinho destes é muito mais fácil chegar perto do capim!

Ivanov pôs-se mais vermelho do que o habitual, e, por orgulho desmedido, ficou de pé, e gritou: - Sou homem! E não admito que falem mal do meu nariz.

Foi abatido a tiros, em seguida a um grande pandemônio. Eu consegui escapar, junto com mais um do grupo. Os restantes, creio que foram recapturados ou mortos.

Muito tempo depois encontrei apenas mais um daqueles homens. Foi num circo, uma grande faixa ostentava "Zarkov, o Mágico".

Entrei, não fui reconhecido, e, tirando um gravetinho da boca, indaguei:

- Hei, você, não dá para me destransformar? Agora que caiu o regime, enjoei de ser burro, quero voltar a viver vida de gente.

Compre, leia e colabore com os fanzines brasileiros!

• **Astaroth**: Editor: Renato Rosatti. A5, 4 páginas. Fanzine de horror distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Hiperespaço**: Editores: Cesar Silva & José Carlos Neves. Trimestral, A5, 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Cx. Postal 375, Santo André/SP, 09001-970

• **Hipertexto**: Editores: Carlos André Mores e Roger Trimer. Formato magazine, 50 páginas. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela Universidade Federal de São Carlos. Contos, artigos e poesias. R. Tiradentes, 816, Estância Suíça, São Carlos/SP, 13560-430.

• **Informativo Perry Rhodan**: Editor: Daniel dos Santos. A5, 12 a 16 páginas. Fanzine oficial do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil". Informação, curiosidades, artigos e contos. Rua André Marques, 209/09 Santa Maria/RS, 97010-041.

• **Intrepid**: Editor: Fábio Barreto. A4, 20 páginas, capa em cores. Dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas*. R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo/SP, 08290-000.

• **Juvenatrix**: Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Megalon**: Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais premiado fanzine brasileiro de ficção científica e horror. Contos, artigos, notícias, cinema e quadrinhos.

Av. Clara Mantelli, 110, São Paulo/SP, 04771-180

• **Notícias... do Fim do Nada**: Editor: Ruby Felisbino Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Contos, artigos e publicação de listas de livros e autores. R. Comendador Azevedo, 506, Porto Alegre/RS, 90220-150

• **Brief News**: Editor: Alexys B. Lemos. A4, 10 páginas, trimestral. Fanzine dedicado a resenhar as principais revistas de FC americanas. Cx. Postal 129, João Pessoa/PB, 58001-970.

• **Suplemento de Ficção Científica**: Editor: Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formulário Contínuo*, resenhas de livros estrangeiros, comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC.

Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.

• Fábrica de Fanzines:

Todos os fanzines da "Fábrica" são editados por Roberto de Sousa Causo. R. Aimberê, 406/103, São Paulo/SP, 05018-010.

Biblioteca Essencial da FCB: série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.

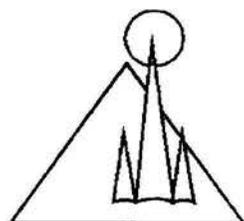
Borduna & Feitiçaria: A4, 16 páginas. Fanzine voltado à fantasia heróica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações.

Brazuca Review: A4, 22 páginas. Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos.

Diário do Fandom: Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F.

Papêra Uirandê Especial: A4, 36 páginas. Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior.

O Rhodaniano: A4, 12 páginas. Fanzine sobre a série alemã de FC *Perry Rhodan*.



C.L.F.C.

CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais em São Paulo todos os últimos sábados de cada mês, exceto Dezembro:

das 15h às 18h, no Clube dos Engenheiros: Rua José Paulino nº 7 (Estação da Luz)
das 19h até o último sair (ou ser expulso), na Presto Pizza: Rua Esmeralda nº 39
(próx. ao Parque da Aclimação)